



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Departamento de Antropologia e Arqueologia**  
**Curso de Graduação em Antropologia Social**

**IZABELLA LELES ALMEIDA**

**O preconceito e o simbolismo em torno das oferendas na  
umbanda**

**Belo Horizonte**

**2018**

IZABELLA LELES ALMEIDA

**O preconceito e o simbolismo em torno das oferendas da  
Umbanda**

Monografia apresentada a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Aderval Costa Filho

**Belo Horizonte**

**2018**

# Agradecimentos

Ao Pai Maior e a espiritualidade amiga por me permitirem chegar até aqui e sempre se fazerem presentes em minha vida nos momentos de dificuldade e de quase desistências.

Ao meu namorado, Adriano, por todo o apoio e auxílio fundamentais para a conclusão dessa etapa. Sem o seu companheirismo, parceria e incrível habilidade de me confortar e acalmar nos momentos de desespero seria impossível a continuidade desse projeto.

Aos meus pais e irmã, pelo apoio, suporte e incentivo ao longo desses anos de formação. A Amora por todo alívio da ansiedade e irritação com sua doçura e carinho incondicionais. A minha prima Heloísa por sempre me socorrer e esclarecer ao longo de todo esse tempo.

Aos meus professores que muito me ensinaram e contribuíram para minha formação como Antropóloga e como pessoa, em especial ao meu orientador Prof. Dr. Aderval Costa Filho, pela sua enorme paciência, confiança e gentileza nesses anos; e a Profa. Dra. Isabel Santana de Rose por fazer parte da banca desse trabalho de maneira tão solícita.

À Ângela Murakami, secretária do colegiado de antropologia, que sempre nos recebe de forma tão solícita e nos auxilia tão gentil e pacientemente.

À minha professora de inglês, Kátia Nascimento, que tanto me inspirou e incentivou na escolha da graduação e nos estudos de forma geral.

À Casa Santa e todos os seus participantes, encarnados ou desencarnados, por toda a ajuda e direção ao longo das minhas incontáveis dúvidas e incertezas.

A todos que se dispuseram a compartilhar comigo suas experiências que muito enriqueceram e ampliaram a visão desse trabalho.

## **Resumo:**

Partindo do pressuposto de que a alimentação não é o simples ato de nutrir e sim algo que ainda comunica e significa, decidi abordar a alimentação ritual, e todo o significado simbólico inerente ao uso de alimentos nas oferendas da Umbanda. A oferenda é uma prática que tem grande relação com a comida, que por sua vez, é carregada de grande valor simbólico e importância para a realização dos rituais de oferta. Existe um processo de codificação de objetos e alimentos, aparentemente comuns presentes na oferenda, que através dessa ressignificação realizam um diálogo entre o adepto, sua religião e a sociedade. Ao longo deste trabalho realizei uma breve análise do simbolismo e preconceito relacionados às oferendas na Umbanda, com atenção especial as dedicadas a Iemanjá. Para tanto foram feitas leituras sobre o assunto, visitas a Praça de Iemanjá no bairro São Luís – situada à Av. Otacílio Negrão de Lima, 260 – e algumas conversas com umbandistas em Belo Horizonte, MG.

**PALAVRAS-CHAVE:** alimentação ritual; umbanda; religião; oferenda; preconceito.

**Abstract:**

Accepting the idea of the feeding is not the simple act of nourish, but something that also communicates and means, I decided to talk about the ritual food and the symbolic meaning inherent in its uses in the Umbanda offerings. The offering is a practice that has a strong relation with the food that has of symbolic value and importance for the accomplishment of offer rituals. There is a process of coding of common objects and simple foods which through this signification carry out a dialogue between the adept, his religion and society. I did a brief analysis of the symbolism and prejudice of Umbanda offerings, this work has a special attention to those dedicated to Iemanjá. For that, I did readings about this subjects, visited to Iemanjá Square in the São Luís – located at Av. Otacílio Negrão de Lima, 260 – and some conversations with umbandistas in Belo Horizonte, Minas Gerais.

**Key Words:** ritual food; umbanda; religion; offering; prejudice.

# Sumário

Introdução.....	7
Umbanda, breve panorama histórico.....	12
As oferendas .....	24
Visão geral sobre as oferendas.....	24
lemanjá.....	37
Campos de estudo .....	42
Praça de lemanjá .....	42
Festa de lemanjá.....	44
Centro Espírita Umbandista Casa Santa.....	49
Preconceito.....	52
Considerações Finais .....	55
Referências Bibliográficas .....	59
Referencial Fotográfico .....	62
Anexos .....	63
Anexo 1: Questionário de Pesquisa .....	63
Anexo 2: Quadro de associação de orixás e santos católicos – Roger Bastite.....	73
Anexo 3: Programação da Festa à lemanjá – 12/08/2017 .....	77
Anexo 4: Programação 2017 – Casa Santa .....	78
Anexo 5: Oração à lemanjá .....	80
Notas Finais.....	81

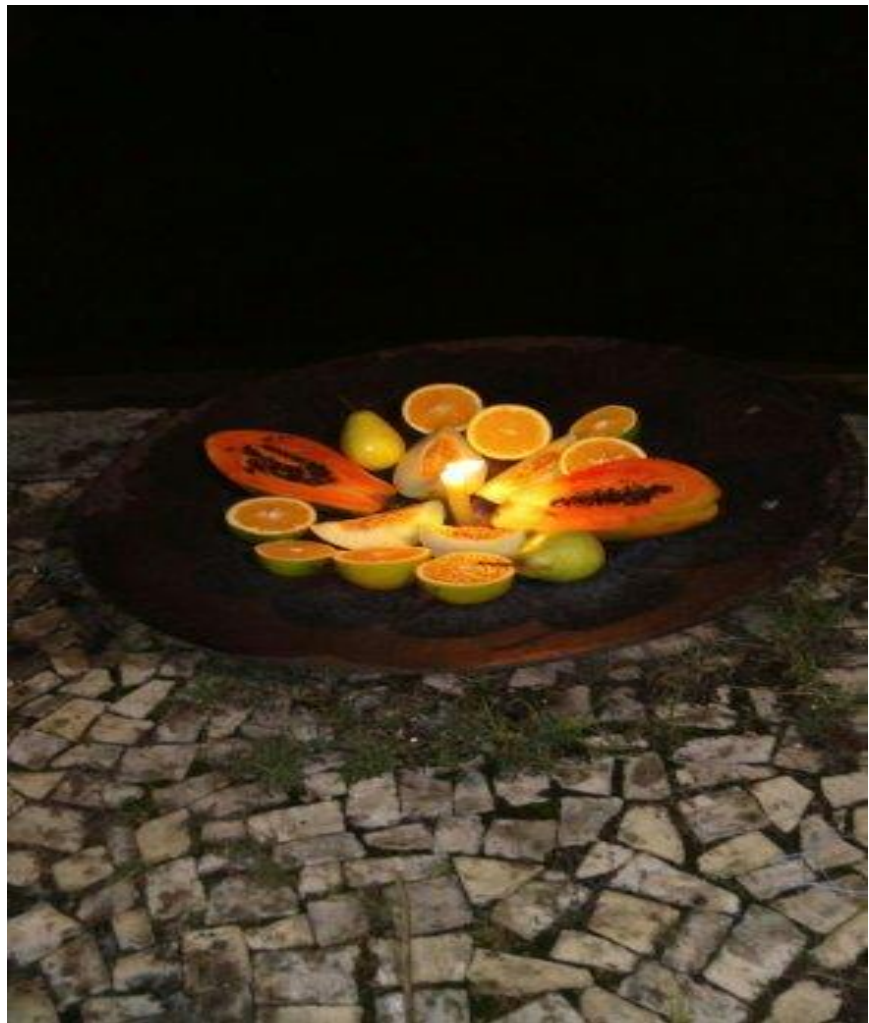
## Índice de figuras

Imagem 1: Oferendas no Monumento à lemanjá .....	6
Imagem 2: Monumento à lemanjá.....	19
Imagem 3: Estátua de lemanjá esculpida em marmorite.....	19
Imagem 4: Oferenda vista no dia 17/11/2017.....	31
Imagem 5: Foto aproximada da oferenda do dia 17/11/2017 .....	32
Imagem 6: Barco com oferendas à lemanjá ago/2017 .....	41
Imagem 7: Localização da Praça de lemanjá.....	43
Imagem 8: Barco do 5º Encontro com lemanjá .....	47
Imagem 9: Pichações no Monumento à lemanjá.....	55
Imagem 10: Detalhe da pichação mais antiga no Monumento à lemanjá .....	55
Imagem 11: Programação da Festa à lemanjá – 12/08/18.....	77

**“O ritual de comer sinaliza um dos mais marcantes momentos das diferenças étnicas e profundamente antropológicas”**

LODY, Raul.

*O povo do santo: Religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. p. 88*



## Introdução

“Fazer antropologia é tentar entender um fenômeno em seu contexto social e cultural. É tentar entendê-lo em seus próprios termos. Desde cedo, os antropólogos tem insistido na necessidade de abordar as culturas e as sociedades como sistemas, o que significa dizer que qualquer evento, fenômeno ou categoria simbólica e social a ser estudado deve ser compreendido por seu valor no interior do sistema, no contexto simbólico e social em que é gerado.”

**COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Pp.: 6 e 7.**

Partindo do pressuposto de Clarice Cohn de que para entender um fenômeno ou categoria simbólica devemos observá-lo em seu contexto cultural, resolvi observar as oferendas à Iemanjá, localizada na Praça Alberto Dalva Simão, mais conhecida como Praça de Iemanjá no bairro São Luís – situada à Av. Otacílio Negrão de Lima, 260, em Belo Horizonte/MG. De forma complementar observei as oferendas realizadas durante as reuniões do Centro Espírita Umbandista Casa Santa, no bairro Cachoeirinha, em Belo Horizonte/MG – localizado à Rua Coqueiros, 190. Nessas visitas a ambos os lugares realizei conversas com participantes efetivos e esporádicos das celebrações, para poder entender o significado das oferendas para eles, além da observação do ato de ofertar e contexto em que este estava inserido.

As oferendas, sendo uma parte importante do todo que é a prática da umbanda, devem ser estudadas e compreendidas como parte integrante e atuante desse todo. Mais especificamente para esse trabalho será abordado o todo como sendo o culto a Iemanjá, por isso além das leituras e conversas com umbandistas esse trabalho se guiou através da observação participante de oferendas prestadas na Praça de Iemanjá, principalmente. Ainda em acordo com a ideia explicitada por Cohn, de partir do geral para compreender o específico, fiz um breve panorama da umbanda para então me deter sobre as oferendas.

Partindo do pressuposto por Durkheim (2003) de que uma sociedade é constituída primeiramente pela ideia que ela faz de si própria, podemos entender que as várias religiões existentes compõem uma necessidade de idealização da sociedade perfeita. Somente o ser humano é capaz de construir um ideal, a religião então é algo essencialmente humano. Ainda sob esse viés notamos que o foco ao estudar as religiões deve estar na importância que o homem dá a elas, o lugar e a

influência que elas possuem sobre a sociedade e não no questionamento dos seus fundamentos.

A decisão de abordar o simbolismo em torno das oferendas da umbanda e o reconhecimento da religiosidade através dessa prática foi tomada por ser um tema que sempre despertou meu interesse. O fato das oferendas serem cercadas de preconceitos e misticismos no imaginário popular, sendo vistas como algo negativo, erroneamente, também contribuiu para a minha escolha. As oferendas são somente uma forma de alimentação dos orixás, dos ancestrais e das entidades que os adeptos de algumas religiões, como a umbanda, por exemplo, cultuam. Esse tipo de manifestação é de extrema importância para os umbandistas, por ser uma forma positiva de se conectarem com suas origens e religiosidade, reafirmar sua crença, agradecimentos e desejos aos santos – orixás, entidades e ancestrais.

As oferendas são cercadas de um medo corriqueiro, até mesmo de se aproximar delas, consideradas feitiçarias repletas de más intenções pela grande maioria das pessoas, religiosas ou não. Esse medo vem do desconhecimento do simbolismo e da linguagem construída em torno dos objetos, alimentos e locais considerados sagrados pelos umbandistas. Munida da crença que a compreensão das oferendas seria um início para a quebra desse conceito pré concebido existente em torno da umbanda, suas práticas e seus adeptos, escolhi esse recorte para ser abordado nesse trabalho. Para a familiarização com esses componentes do ritual de ofertar eu usei de observação participante das oferendas realizadas nas reuniões do Centro Espírita Umbandista Casa Santa (a partir de agora denominado Casa Santa) e ao monumento a Iemanjá, na praça de mesmo nome, inclusive em um dia de festa dedicada a Santa – 12 de agosto de 2017.

A umbanda é uma religião que possui uma história de resistência e identidade ligada à diversidade de crenças que a formam. Por ser uma religião que sincretiza diversas outras crenças, como catolicismo, pajelança, espiritismo e candomblé, ela deve sua existência e força perante as adversidades apresentadas a esta característica de adaptação e aglutinação. A associação entre essas crenças resultou em mudanças nas religiões envolvidas, gerando adaptações para que pudessem coexistir juntas. A associação entre o candomblé e a pajelança se deu de forma mais natural, por serem religiões pertencentes a um mesmo estrato social, à época da colonização. Ambos possuíam práticas que eram afins, até certo ponto, de

ligação e contato com o sagrado, os adeptos viam no pajé ou no filho-de-santo uma ligação direta com antepassados e divindades.

Segundo Roger Batisde (1971) foi Nina Rodrigues o primeiro a chamar a atenção para o sincretismo entre a pedra dos orixás e a cruz de Cristo. Existem alguns pontos que facilitaram a associação entre o catolicismo e o candomblé, por exemplo, o fato dos santos católicos e orixás africanos terem vivido na terra em meio às outras pessoas antes de ascenderem a um plano superior. Essa correspondência entre os santos e orixás teve variações de acordo com a nação africana que a realizava, como por exemplo, Iemanjá que os Bantos associavam a N. S. de Lurdes e N. S. da Candelária; enquanto os Nagôs a associam a N. S. do Bom Parto ou N. S. da Boa Viagem, quando moça; já os Jêjes associam Iemanjá moça à N. S. dos Navegantes. Para entendermos o lugar e o valor que as oferendas ocupam nas celebrações dessa religião sincrética é necessário que realizemos um breve desenvolvimento dessas raízes de formação da umbanda, por isso esse será o primeiro tema a ser abordado ao longo deste trabalho.

A relação dos umbandistas com os alimentos, de uma forma geral, é bastante estreita, por isso resolvi dar um enfoque maior a esse componente das oferendas em detrimento dos demais. Os umbandistas atribuem sentido aos seus alimentos não só no consumo, mas durante sua preparação e armazenamento também, imbuindo-lhes de valores simbólicos e cosmológicos. Em todos os casos, essas práticas identitárias estão sendo reajustadas devido às mudanças do meio em que estão inseridas – modernização dos meios de preparo, dificuldade de acesso aos locais de realizar as oferendas e conseguir os alimentos. Como práticas simbólicas de grande carga para a religião elas vão se remodelando e adaptando para que não sejam perdidas e nem esquecidas entre os indivíduos mais jovens, o que não implica em uma perda de identidade, mas sim um fortalecimento da mesma.

Os brasileiros são formados pela mistura de diversas raças que ajudaram na construção da sua identidade singular. A população nativa do território foi se miscigenando com os colonizadores portugueses, estes últimos por sua vez, trouxeram escravos africanos para o território. Os escravos não contribuíram apenas com trabalho, mas com a miscigenação da população e a formação cultural do país, sua cultura juntamente com a ameríndia e a portuguesa são um dos traços mais marcantes da formação da identidade dos brasileiros, identidade esta com uma singularidade e aspectos bem característicos.

A culinária também sofreu influência de todos os povos que pelo território brasileiro passaram no processo de colonização, principalmente dos portugueses, africanos e ameríndios. A influência na culinária não se restringiu apenas ao alimento do corpo, mas se estendeu aos alimentos rituais, os ditos alimentos da alma, ambos sofreram um processo de fusão entre as tradições de todos os povos que pelo Brasil passaram. Os brasileiros possuem hábitos alimentares variados de acordo com a região do Brasil a qual fazem parte, isso se deve as diferentes influências durante a formação do país. Esses hábitos refletem também na alimentação ritual, que sofreu as influências dos hábitos alimentares da região em que as práticas religiosas se consolidaram.

De um modo geral, as festas e reuniões das religiões de origem ou influência africana, tradicionalmente, possuem as comida de santo como parte fundamental de suas práticas. Essas comidas possuem uma forma tradicional e peculiar de preparo, além de cada santo ter suas próprias preferências. As comidas são preparadas com muito respeito pelas filhas e filhos-de-santo seguindo características e preceitos próprios. As comidas são servidas aos santos ou aos médiuns e frequentadores, dependendo do ritual a que faz parte, sendo cada uma repleta de significados são fundamentais para a prática, tanto do Candomblé quanto da Umbanda.

A prática da alimentação ritual é uma tradição que já estava presente na África à época da colonização do Brasil; foram os escravos que a trouxeram para o território brasileiro. Tradicionalmente, existem formas específicas de preparo dos alimentos que compõem as oferendas, como por exemplo, serem cozidas no fogão de lenha ao som de cânticos e orações, e logo após serem servidos ou passarem a compor as oferendas em vasilhames de barro ou palha. Ao longo da história das religiões afro-brasileiras essas práticas foram se adaptando ao contexto histórico e social ao qual estavam inseridas, mas sempre estiveram presentes na celebração da fé dessas religiões.

São muitas as práticas características e essenciais na Umbanda, mas para esse trabalho escolhi abordar as oferendas, alvos de tantos pré-julgamentos e desconhecimento. Devido à importância que as comidas de santo possuem nestas oferendas, destaquei esse componente dentre os outros objetos que integram os ritos. Durante minhas visitas à Casa Santa e ao monumento à Iemanjá pude notar o quanto a presença dessas oferendas no cotidiano religioso é importante e marcante. Ao longo da festa de Iemanjá do dia 12 de agosto de 2017, ocorrida em frente ao

monumento à Iemanjá as oferendas tiveram um espaço de grande destaque na festa, sendo nítido o respeito e a fé que as pessoas depositavam nelas.

As oferendas são uma forma de culto aos deuses e ancestrais. As bebidas e comidas são pontos de ligação, realizados através do axé<sup>1</sup>, entre o Aiê – terra – e o Orum – céu. Não há um elemento do sobrenatural brasileiro que não goste de comidas, todos têm que ser alimentados. Há alguns preceitos que devem ser seguidos ao alimentá-los. Um deles é para Exu, o mensageiro sem o qual não se faz nada nos terreiros, que deve receber a sua oferenda primeiro. Oferenda esta muitas vezes composta por azeite de dendê, cachaça, farofa, pimenta, cebola e frutas, logo na entrada do terreiro como um dos primeiros atos da reunião; após essa oferenda se iniciam os trabalhos do terreiro.

O Umbandista deve saudar e alimentar regularmente o dono do seu Ori – cabeça. O orixá que rege o Ori guia os passos e delinea as atitudes do seu filho, que sempre deve oferecer bebida e alimento ao seu orixá de cabeça. Esse é um dos motivos que faz com que os preceitos existentes em relação a esse costume de alimentar os orixás sejam tão importantes de serem respeitados.

Cada Orixá e Santo tem suas comidas preferidas, assim como seus locais para realizar a oferenda. Daria um estudo riquíssimo a análise de todos esses locais e preferências, constituindo um estudo muito interessante e extenso. Por isso darei maior foco às oferendas e comidas destinadas a Iemanjá, as quais pude observar durante as minhas visitas ao monumento à Iemanjá, principalmente durante sua festa do dia 12 de agosto de 2017.

Iemanjá recebe muitas frutas, doces, peixes e flores. O manjar branco, o mel e peixes claros, assim como a presença de frutas sortidas, são os alimentos que observei com maior frequência nas diversas oferendas que me deparei ao longo deste trabalho. Alguns umbandistas me disseram que as oferendas são compostas por comidas gostosas e certas vezes difíceis de preparar, devido aos preceitos que ditam os modos de preparo, apresentação e ingredientes proibidos ou aceitos.

---

<sup>1</sup> O axé é a energia e força fundamentais à vida religiosa do terreiro e da vida do homem na terra, como um todo. Esta força vital está presente em cada ser.

## Umbanda, breve panorama histórico

“Foi nesse contexto que a classe média branca se uniu à classe pobre, que já frequentava a religião afro-brasileira que viria a se tornar a mais popular da experiência religiosa dos brasileiros, a umbanda.”

**SILVA, Vagner G. *Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2005. P.: 106.**

Na África, durante o período da escravidão, existiam cultos aos deuses que envolviam comidas ritualísticas, imolação de animais, procissões, danças, navegações em alto mar, encenações e banquetes envoltos por rituais elaborados. Cada participante tinha o dever de venerar, cultuar e realizar esses rituais para uma divindade específica, considerada seu pai ou mãe espiritual. Esse costume foi trazido pra cá pelos escravos que, em sua terra natal, eram sacerdotes, guerreiros, nobres, habitantes comuns, enfim, ocupavam todas as posições que formam uma sociedade. Vieram escravos de diferentes povos e regiões do continente africano, contribuindo para as diferenças e miscigenações entre os cultos africanos e brasileiros.

Os escravos de uma mesma etnia ou ainda de mesma família eram propositalmente separados para se evitar conversas, reuniões, reprodução da sua cultura, possíveis conspirações e fugas. Assim sendo, havia escravos das mais diversas etnias espalhados por todo o território, o que ajudou na propagação das diferentes práticas religiosas existentes na África ao longo do território brasileiro. Práticas estas que eram combinadas e adaptadas às crenças indígenas e portuguesas. De acordo com a concentração de determinado povo em uma região desenvolveu-se peculiaridades na Umbanda e nas demais religiões afro, assim como interferiu na religião que teria mais prestígio na região. Esses fatos influenciaram a criação de um panorama religioso e cultural diversificado, englobando características distintas que se aglutinam formando uma unidade, que é um dos pontos mais marcantes do cenário brasileiro.

Segundo o dicionário Aurélio, a Umbanda é um “culto religioso sincrético com origem no Rio de Janeiro”, ainda de acordo com o Mini Aurélio de 2001, umbanda é uma “religião originada na assimilação de elementos culturais afro-brasileiros pelo espiritismo”. Sua origem de fato é atribuída a uma casa pequena e humilde no Rio

de Janeiro a partir de uma confluência de várias crenças, como o espiritismo, o candomblé, a pajelança e o catolicismo.

Segundo Vagner G. da Silva (2005), com o Modernismo surgido na década de 1920, ocorreu uma valorização dos elementos formadores da cultura brasileira, dos diversos povos que a constituíram, principalmente os de estratos mais populares, índios e negros. Como as religiões afro-brasileiras são uma forma de expressão da história, cultura e tradição dos negros, referências a elas apareciam com frequência nas músicas e literatura, por exemplo. Na literatura, podemos destacar Jorge Amado que falou das religiões afro-brasileiras em várias de suas obras, como “Bahia de todos os Santos” e “Tenda dos Milagres”. Vários cantores continuam cantando as religiões afro-brasileiras até os dias atuais. Dorival Caymmi canta lemanjá em muitas músicas, como em “Doce morrer no mar”; Vinicius de Moraes também a retratou em “Arrastão”; Gilberto Gil em “Iemanjá”; e Caetano Veloso a canta em “Blues”; assim como esses cantores a inúmeros outros que retratam lemanjá, ela é conhecida por todos desde o Modernismo, adeptos de religiões afro-brasileiras ou não, lemanjá é sempre cantada e festejada nas artes.

As elites intelectuais brasileiras, atores do modernismo, passaram a valorizar e promover as religiões afro-brasileiras, sendo esse um processo inverso ao que ocorria até então. No lugar de assumirem um papel à margem na sociedade, as religiões afro-brasileiras passaram a ter um papel proeminente. Do mesmo modo que índios, sertanejos, mestiços, de um modo geral, a população, até então desvalorizada ganhava cada vez mais destaque nas obras artísticas da época. Em muitos casos, os intelectuais que promoviam as religiões se tornavam adeptos das mesmas, o que reforçava a presença desse tema em suas obras. Como diria Silva (2005, p.: 102), “O Brasil, como paraíso tropical, cheio de potencialidades adormecidas, começa a ser ‘descoberto’ pelas ideologias que apregoavam um futuro de grandeza a partir da valorização do seu passado.”

Nas décadas de 1920 e 1930, espíritas pertencentes à classe média, no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul começaram a inserir conceitos da religiosidade afro-brasileira às reuniões que participavam. Com o intuito de legitimar e tornar aceita essa prática começaram a defender publicamente essa miscigenação como uma nova e melhorada religião. Com isso, a umbanda foi se desenvolvendo de forma paralela em diversos estados, não havendo provas que esse

desenvolvimento se deu de maneira correlacionada, assim encontramos diferenças dentro da própria religião de acordo com a região.

Muitos conceitos que deram origem à umbanda estavam presentes nas práticas religiosas populares do fim do século XIX, principalmente em práticas bantós. O autor Vagner Silva (2005) atribui as raízes afro-brasileiras da umbanda ao culto aos caboclos (espíritos dos índios), às entidades africanas (orixás) e aos santos do catolicismo popular, que há muito se misturavam com a religiosidade afro-brasileira, acrescentando-se a esse culto outras entidades comuns à realidade da sociedade da época, juntamente com a influência do espiritismo.

É difícil definir com exatidão o momento em que o espiritismo e os cultos afro-brasileiros começaram a se misturar. Mas, segundo Vagner Gonçalves da Silva (2005) e Isa Vanni da Silva Faria (2012), a história do terreiro de umbanda Centro Espírita Nossa Senhora da Piedade, no Rio de Janeiro é importante para a compreensão da origem e estrutura da umbanda, assim como, do seu delinear como uma religião singular. O espiritismo era praticado pela classe média, e se reconhecia como uma religião cristã e bastante racionalista, o que conferia legitimidade e racionalidade aos fenômenos mágicos, como a possessão dos espíritos. A partir desse contexto e sob essa influência a umbanda se constituiu e desenvolveu como uma religião organizada.

No início da década de 1920, Zélio de Moraes e mais alguns espíritas fundaram em Niterói o terreiro de umbanda Centro Espírita Nossa Senhora da Piedade, chamado de espírita devido às imposições legais da época. Após algum tempo o transferiram para o Rio de Janeiro, onde ainda se localiza. Todos os fundadores do Centro Espírita Nossa Senhora da Piedade eram homens, a grande maioria brancos da classe média e insatisfeitos com o espiritismo.

Devido à insatisfação começaram a visitar diversos centros afro-brasileiros e adquiriram uma preferência aos espíritos e divindades indígenas e africanos, em detrimento aos espíritos “evoluídos” do espiritismo – considerava-se os espíritos de indígenas e africanos menos evoluídos devido à sua forma de falar e se expressar, já os espíritos que se manifestavam no espiritismo eram considerados evoluídos por geralmente serem mais estudados e terem um discurso mais próximo à linguagem culta. Zélio e os demais ainda achavam os rituais afros muito mais dramáticos e estimulantes, apesar de considerarem alguns aspectos, como a exploração financeira de clientes e os sacrifícios animais odiáveis. Mas, ainda assim, achavam

os espíritos que se manifestavam nos cultos afros mais competentes na cura e tratamento.

Vagner da Silva (2005) assinala que o termo cultura começou a ser usado em detrimento ao de raça por Arthur Ramos, em 1934, no seu livro *O negro brasileiro*. O conceito de “raça” era usado para depreciar os negros e suas manifestações religiosas, ao contrário de “cultura”, que valorizava os hábitos de uma forma geral, incluindo os religiosos dos negros, os classificando como os costumes dos outros povos, culturas européias e asiáticas, por exemplo. Ele classifica a religiosidade como um processo histórico-social indiferente às características biológicas, por isso a utilização do termo cultura em detrimento a raça. Dessa forma, a cultura afro-brasileira, inclusive as religiões, é estudada de maneira ampla, não só o candomblé recebe foco, mas as outras religiões antes menos abordadas também ganham visibilidade, como o catimbó<sup>2</sup> e o batuque<sup>3</sup>.

A constituição de 1934 foi promulgada em nome de Deus, durante esse período o catolicismo tinha grande influência no governo, ele era, mais uma vez, a religião oficial do país. Sua oposição às demais religiões se intensificou, principalmente as afro-brasileiras, os adeptos sofriam perseguição política, devido à oposição católica. Objetos relacionados a práticas destas religiões e considerados sagrados pelos seus adeptos, como atabaques e altares, por exemplo, eram apreendidos em batidas policiais realizadas nos locais de reuniões.

Os caboclos e preto-velhos, espíritos de indígenas brasileiros e escravos correspondentemente, como pontos centrais na umbanda, são uma representação da união de todas as raças e classes sociais formadoras da população brasileira, união esta que é uma característica central na umbanda. A religião em questão surgiu a partir da união de diversas outras práticas religiosas, com valorização de pontos dessas em conjunto e harmonia, assim como dos representantes dos diversos estratos sociais brasileiros, o que a tornava acessível a todas as classes e fazia com que a população em geral se reconhecesse nas práticas da umbanda.

---

<sup>2</sup> O catimbó é uma religião brasileira que sincretiza elementos de raiz indígena, africana e católica, seu culto gira em torno da Jurema, uma planta amazônica.

<sup>3</sup> O batuque é uma religião afro-brasileira que cultua os orixás e antepassados, mas possui diferenças em relação ao candomblé na realização de seus ritos, por exemplo. Essas diferenças se dão devido à região africana que teve mais influência na formação do batuque, mais comum no sul do Brasil.

A umbanda possui uma gama de conceitos que fazem referências a outras práticas religiosas, como a idéia de evolução espiritual e carma presentes também no espiritismo, as formas populares de interação e consultar os espíritos, semelhante ao candomblé e outras religiões afro. Alguns pontos presentes nos cultos afros são explicados de forma mais racional, como ocorre no espiritismo, como a bebida alcoólica, justificada pela sua ação e vibração anestésica, realizando a limpeza dos fluídos negativos presentes nos médiuns; a fumaça do fumo e do defumador, importante para a purificação ajudando na limpeza do ambiente e afastando as más energias.

Com o passar do tempo, por volta do final dos anos 1930 e início dos anos 1940, a organização dos terreiros como uma forma de reconhecimento da nova religião entrou em foco. Delineou-se então um modelo de organização sócio-religiosa, no quesito cargos, funções de cada membro, formas de atendimento ao público e de ingresso na prática religiosa, além dos direitos e deveres dos participantes. A hierarquia da religião ficou mais explícita após essa organização, mas ainda assim menos intrincado que no candomblé, o pai ou mãe de santo é o líder religioso, abaixo dele temos o pai ou mãe pequena. Há ainda os outros médiuns, chamados de filhos de santo ou filhos de fé, os tocadores de atabaque que ocupam uma função essencial no culto, ajudando, principalmente, no momento do transe, e os auxiliares, que são os cambonos. Todos os membros são de muita importância e indispensáveis para o funcionamento do terreiro, sendo cada um deles responsáveis por uma parte das atividades das casas de umbanda.

Juntamente com essa organização surgiram as federações umbandistas estaduais e a nacional, sendo a União Espírita da Umbanda no Brasil, criada no Rio de Janeiro, fundada em 1939. A União Espírita foi a principal mentora do I Congresso do Espiritismo da Umbanda do Brasil, em 1941 na cidade do Rio de Janeiro, que tinha o intuito de delinear os principais preceitos da religião. As várias Federações que foram surgindo davam base jurídica aos filiados para se protegerem contra as perseguições policiais, ajudavam na organização e divulgação das cerimônias e eventos religiosos no geral. Além de ajudarem na regulamentação das práticas e doutrinas da umbanda, ministrando cursos e fiscalizando algumas práticas dos terreiros filiados.

Nos anos 1950, as várias referências doutrinárias presentes na umbanda se dividiram em duas vertentes. A primeira queria criar a imagem de uma umbanda

“pura”, “branca”, longe de alguns elementos africanos, mal vistos pela sociedade da época, como o sacrifício animal, por exemplo. A segunda vertente da umbanda era composta pelos adeptos pertencentes aos estratos mais baixos da população brasileira à época, como negros e mulatos.

Segundo Vagner Silva (2005), a primeira vertente prevaleceu durante o Primeiro Congresso de Umbanda do Brasil. Nessa época as pessoas tinham a preocupação em mostrar que estavam distantes das práticas de quimbanda<sup>4</sup>. Esta última era acusada de conter práticas e elementos africanos tidos como maléficos, por este motivo, um dos focos do I Congresso era afirmar que a umbanda era mais próxima do racionalismo do espiritismo do que das práticas tidas como primitivas da quimbanda, como o sacrifício animal, por exemplo.

A segunda vertente da umbanda começou a refutar a idéia de afastar-se dos conceitos e práticas africanas, buscava uma recuperação e valorização dos mesmos, tão presentes na religiosidade popular. As oferendas são um exemplo de uma prática que essa vertente queria desmistificar como sendo algo negativo. Eles procuravam meios de mostrar o quão importante elas eram para a prática da religião, e que, na verdade, não possuíam nada de maléfico. As oferendas, em sua essência, são um tributo às entidades e aos orixás, que são forças da natureza, dessa forma elas respeitam toda forma de vida. Esses umbandistas queriam mostrar que elas não são feitas a partir do sofrimento dos animais e nem como forma de desejar o mal para outras pessoas e sim para fortificar o axé.

O II Congresso de Umbanda, também ocorrido no Rio de Janeiro, em 1961, realizou-se no Maracanãzinho, devido ao grande número de adeptos vindos de 10 diferentes estados brasileiros, incluindo alguns políticos estaduais e municipais. Nessa mesma década, aproveitando-se de suas bases já estabelecidas e alianças políticas feitas ampliou-se a organização e legitimação da umbanda perante a sociedade. Apesar de não ter um posicionamento político claro, a umbanda aproveitou o clientelismo eleitoral e a oposição aos setores radicais da Igreja católica, por parte da ditadura militar para se consolidar na sociedade. Na época da ditadura militar, a umbanda saiu da esfera militar e passou para a civil, sendo reconhecida oficialmente como religião.

---

<sup>4</sup> Quimbanda é uma religião afro-brasileira que possui algumas similaridades com a umbanda, mas tem o culto a Exu como ponto central do seu ritual. Esta religião é bastante estigmatizada e relacionada à prática de magia negra.

A umbanda mostrou-se de grande importância na assistência social e consagrou-se como uma das religiões que mais cresciam no Brasil, durante o III Congresso de Umbanda, em 1973. Nessa época havia escolas, creches, ambulatórios e outras instituições umbandistas com a missão de ajudar e promover a caridade. Essa mensagem também foi propagada através de programas de rádio, jornais e publicações próprias, contando com o apoio de simpatizantes e políticos umbandistas; essas medidas atraíram cada vez mais adeptos e propagavam a sua mensagem de caridade em grande escala. Com o tempo, a umbanda foi recebendo permissão legal e apoio como instituição por parte do governo para a realização de algumas festas em espaço público, devido à legitimação social que a religião conquistou.

Atualmente, a prefeitura de Belo Horizonte dá apoio a algumas festas anuais, como a festa dos pretos velhos, no dia 13 de maio, e a de lemanjá, nos dias 15 de agosto e 8 de dezembro. A prefeitura fez inclusive um monumento à lemanjá na orla da Lagoa da Pampulha, monumento esse que recebe diversas oferendas ao longo do ano. As duas festas a lemanjá, apoiadas pela prefeitura, - ambas acontecem aos sábados, uma próxima ao dia 15 de agosto e a outra do dia 8 de dezembro, as duas datas são feriados na capital mineira – ocorrem em frente ao monumento à lemanjá. Há ainda outra festa no dia 2 de fevereiro ou fim de semana próximo, essa até o momento não recebe o apoio oficial da prefeitura, e é organizada pela união de algumas das casas existentes em Belo Horizonte e região.

O monumento mencionado fica na Praça de lemanjá, na Av. Otacílio Negrão de Lima, Pampulha, medindo 2 metros de altura e pesando 500 kg, foi esculpido em marmorite, por José Synfronini. Inaugurado em 24 de abril de 1982, em uma festa de homenagem a São Jorge, o monumento está localizado em um pedestal dentro da Lagoa da Pampulha um pouco além da margem. Existe uma estrutura feita de ferro recortado em frente à imagem, no centro da praça, ele foi feito por Jorge dos Anjos, em 2007, e denominado Portal da Memória. Ao longo do período de pesquisa fui a essa praça várias vezes observar as homenagens e oferendas prestadas a lemanjá, em algumas dessas visitas inclusive tive a oportunidade de conversar com alguns adeptos e participar da festa em sua homenagem, no dia 12 de agosto de 2017.

As diferentes datas de festas dedicadas à lemanjá são devido a diferentes associações de lemanjá com santas católicas, associações estas que são herança do período em que a única religião permitida era o catolicismo. Ter outra religião

nesse período era considerado ilegal, por isso deu-se a associação dos orixás com os santos católicos, como forma de manter viva a religião. Essa associação se dava por meio de características semelhantes atribuídas aos orixás e aos santos católicos. Iemanjá era relacionada a diferentes imagens católicas, dependendo do estado e da religião. Em relação às festas que ocorrem na Pampulha, por exemplo, no dia 2 de fevereiro há uma manifestação maior de candomblecistas, já no dia 8 de dezembro notamos a maior aderência dos umbandistas, de uma forma geral. Na capital mineira, há ainda a comemoração do dia 15 de agosto, nesta não há predominância aparente de nenhuma das duas religiões, candomblecistas e umbandistas aparecem em número semelhante à festa.



Imagem 2: Monumento à Iemanjá



Imagem 3: Estátua de Iemanjá esculpida em mármore.

Além de Iemanjá e os outros orixás a umbanda acredita e presta homenagens aos ancestrais ou entidades, de uma forma geral ela divide os orixás e entidades de acordo com suas vibrações, as chamadas linhas. Essas linhas vibracionais são compostas por vários espíritos que tem mais afinidade com o orixá que representa a linha em questão, todos eles possuem missões relacionadas a aspectos da vida na atmosfera terrestre. Segundo Vagner Silva (2005) cada linha se divide em sete legiões e estas em sete falanges e assim por diante, sempre usando o valor cabalístico do número sete. Não há uma consonância quanto a composição de cada linha, legião ou falange, cada Casa umbandista atribui os componentes de acordo com suas influências.

De modo geral existe a linha de Oxalá, que possui em suas falanges alguns pretos velhos, caboclos e povos do oriente – ciganas, por exemplo; a linha de Iemanjá que abarca todo o povo d'água, caboclos ligadas aos rios, por exemplo, há grande adesão de entidades e orixás femininos; a linha de Xangô é tida como a linha da justiça, composta por todo espírito desencarnado que busque trabalhar a favor da justiça, também possui pretos velhos e caboclos em sua composição; a linha de Ogum é composta por exús, eguns que são as almas, caboclos, baianos, boiadeiros e ciganos; a linha de Oxóssi é composta majoritariamente por caboclos, devido à relação desse orixá com as matas, há presença de boiadeiros também; a linha das crianças, erês, ou de acordo com o sincretismo linha de Cosme e Damião tem em sua formação crianças de todas as idades, gêneros e etnias; e por fim a linha de Iorimá, ou linha das Almas que é a linha que abarca a todos os pretos velhos.

Os caboclos e pretos velhos encontram-se logo abaixo dos orixás e fazem menção a formação da sociedade brasileira, mas apesar disso possuem individualidade, seus pontos cantados trazem seus nomes próprios e muitos deles tem prestígio em Casas por todo o Brasil, são espíritos de indivíduos compondo uma totalidade. Os caboclos remetem ao indígena que habita o território brasileiro antes mesmo da colonização, são espíritos guerreiros que lutam em favor da justiça e do bem. Possuem um vasto conhecimento da natureza e de seus benefícios, em muitas Casas são eles que comandam os trabalhos de cura devido ao saber acumulado sobre as plantas medicinais.

Os pretos velhos são espíritos de grande sabedoria e doçura, ligados aos negros vindos da África, trazem a humildade, resignação e sabedoria de almas que foram escravizadas em vida e voltaram para ajudar a todos, inclusive quem os

maltratou. Geralmente as reuniões de doutrinação das Casas ficam a cargo dos pretos velhos, grandes conhecedores das leis do amor e do carma, assim como da magia umbandista. Logo depois encontramos várias outras entidades que reconhecemos na “formação do brasileiro”, como baianos, ciganas, marinheiros e malandros, normalmente fazem alusão aos estratos marginalizados da sociedade. Todas essas entidades presentes nos terreiros umbandistas trabalhando em prol do esclarecimento e de vibrações mais elevadas, corroborando com o conceito sincrético da umbanda.

Há ainda as falanges que decidiram trabalhar a favor da caridade e do amor, após uma vida ligada a prazeres terrenos que por vezes os ligaram a baixas vibrações, são as falanges ligadas a exu, compostas de guerreiros, defensores e pombas gira. Essas entidades alcançam níveis de vibração superiores de tanto trabalharem a favor da “luz”, do bem, mas escolhem continuar trabalhando diretamente com as “trevas”, as baixas vibrações, combatendo-as. Assim sendo, essas entidades são relacionadas ao mistério da morte, a sexualidade e ao desejo de forma geral. No cotidiano da umbanda, o culto principal é as entidades, como os pretos velhos e caboclos, isso devido ao sincretismo, que mantêm o culto aos orixás, mas aglutina outras crenças e rituais a ele.

Ao longo da formação da umbanda notamos a importância das federações umbandistas no processo de respaldo e consolidação da religião. Atualmente, ao procurarmos uma federação unificada encontramos inúmeras organizações independentes que se intitulam como a brasileira ou mineira, não há coesão. Encontrei várias ditas como sendo a Federação Brasileira “oficial”, entre elas Federação Umbandista do Brasil; Federação Brasileira de Umbanda; Congregação Espírita Umbandista do Brasil e Federação de Umbanda do Brasil. Todas as federações que encontrei se localizam em diversos estados e não possuem ligação entre si, a grande maioria está com sites e ou páginas de redes sociais desatualizados, em alguns casos há anos.

Procurei por uma Federação Mineira e encontrei duas, a Associação de Umbanda e Candomblé do Estado de Minas Gerais e a Federação Espírita Umbandista e Candomblé Minas Gerais. A primeira teve a última atualização em seu site no dia 10 de junho de 2009. No ano de 2012 entrei em contato com a associação a procura de um encontro para esclarecer algumas dúvidas sobre sua atuação e o cenário da umbanda em Belo Horizonte, consegui falar com o diretor a

época, mas ele não me deu retorno sobre o encontro para discutirmos essas questões. Depois disto, não consegui mais contato com a associação. A Federação Espírita Umbandista e Candomblé Minas Gerais está localizada em Uberlândia e teve a última atualização em seu blog no dia 7 de abril de 2015.

Desde a criação da umbanda, no início do século XX no Rio de Janeiro, ela sincretiza diversas práticas, entre elas o catimbó, voduns, candomblé, cultos ameríndios, catolicismo e ocultismos vindos do exterior. Essa característica aglutinadora da umbanda possibilitou a perpetuação de reinterpretações de rituais existentes em outras religiões, religiões essas que influenciaram na constituição da própria umbanda. Um desses rituais é a marcante prática de dar alimentos aos santos – as entidades espirituais de uma forma geral: orixás, antepassados, voduns, inquices, entre outros – que será o foco deste trabalho. Exatamente por possuir traços de diversas religiões, sendo talvez o catolicismo e o candomblé, juntamente com a pajelança, os mais acentuados, a umbanda se tornou uma religião bastante democrática, abarcando a diversidade da sociedade brasileira.

As religiões africanas presentes no Brasil, durante o período escravocrata, coexistiram com o catolicismo, mesmo sendo proibida a prática de outras religiões que não fossem a católica nessa época. Foi nesse período que começou a se delinear e se constituir enquanto religião a miscigenação de crenças, a associação que os escravos realizavam entre os santos católicos e os orixás foi de fundamental importância para que isto ocorresse; essa associação permitiu que as religiões dos escravos sobrevivessem e se perpetuassem no Brasil.

As oferendas são a alimentação dos santos e um dos pontos característicos da umbanda, geralmente envoltas em um misticismo popular, o que faz com que sejam muitas vezes temidas e motivo de zombaria por parte de pessoas que desconhecem seu verdadeiro significado. Um dos pontos que mais causam preconceito é a crença de que a umbanda realiza de forma fria sacrifícios de determinados animais como o gato preto, a galinha preta e a galinha da angola. Segundo os praticantes da umbanda, com quem tive contato, não é admissível o sacrifício de qualquer ser vivo em seus rituais. Utilizam de ervas, flores, velas coloridas, fitas, certas bebidas, mel e qualquer outra dádiva da natureza que não ceife a vida; ainda que usem os animais, não é permitido que sejam abatidos com crueldade.

Os umbandistas com quem conversei afirmaram que as crenças e preceitos deles vão contra qualquer forma de maus tratos a qualquer ser vivo. Os orixás como espíritos ligados à natureza não aceitariam oferendas que vão contra qualquer forma de vida. Dessa forma, podemos concluir que essa crença de que para comporem as oferendas são necessários sacrifícios bárbaros de animais não é fundamentada em fatos. Um dos aspectos que me interessou foi este, o fato de poder auxiliar na desmistificação existente em torno das oferendas, que são pré-julgadas e responsáveis pela maior parte do preconceito existente em relação à umbanda.

“os instrumentos musicais também comem (...). Comer é antes de tudo, se relacionar. O que é oferecido é codificado na complexa organização do terreiro, assim circulando e se renutrindo. Há sentido e função em cada integrante e há significados nas quantidades, nos procedimentos, nos atos das oferendas, nos horários especiais e dias próprios, no som (...)”

**LODY, Raul. *O povo do santo: Religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006. P.: 91**

Sob a ótica da umbanda, toda a natureza possui energia vital que precisa se alimentar, assim como nós, a alimentação é uma importante forma de fortalecimento do axé. Comer é essencial para a existência da vida, não só dos seres encarnados, mas de todos os princípios ancestrais e religiosos do terreiro e da vida no geral, comer é ativar o axé. Em seu livro *O povo do santo: Religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos*, Raul Lody nos dá um exemplo disto, quando afirma que os instrumentos musicais são alimentados, principalmente o atabaque maior. A alimentação ocorre durante um festejo, um rito próprio para dar de comer aos instrumentos com o intuito de fortalecerem o seu axé.

Podemos entender a alimentação no e do terreiro como pertencente a um ritual socializador, ela é uma forma de cultuar, cuidar e manter os princípios elementares do axé, ou seja, o princípio básico da vida sobre o qual a umbanda se fundamenta. Os adeptos dessa crença entendem à manutenção do equilíbrio entre o hoje e o passado, a vida e os antepassados, como resultados do equilíbrio entre o “aiê” e o “orum”, terra e céu respectivamente, e seus habitantes. Esse equilíbrio é presidido pelo axé, que é fortalecido com a alimentação adequada, todos devem se alimentar: adeptos, natureza, orixás e antepassados.

A comida é fator essencial nas festas de santo, todo o alimento servido no terreiro é baseado na alimentação do orixá em questão. O ato de comer é um ato de

comemoração à vida, de agradecimento e fortalecimento desta. O compartilhamento alimentar é realizado no final de toda reunião, é o momento de comunhão entre santos e adeptos. A alimentação ritual também está presente fora do âmbito das reuniões e festividades dessa religião, ela faz parte das práticas cotidianas dos adeptos, que nunca devem deixar faltar água a seu santo e que devem preparar determinados alimentos para eles de tempos em tempos.

## As oferendas

### Visão Geral sobre as oferendas

Partindo do pressuposto de Contreras e Gracia (2011), de que a alimentação não é o simples ato de nutrir e sim algo que ainda comunica e significa, decidi abordar a alimentação ritual, e todo o significado simbólico inerente ao uso de alimentos nas oferendas da Umbanda. A oferenda é uma prática que tem grande relação com a comida que, por sua vez, é carregada de grande valor simbólico e importância para a realização das mesmas. Existe um processo de codificação de objetos e alimentos, aparentemente comuns e presentes na oferenda, que através dessa ressignificação realizam um diálogo entre os adeptos, sua religião e a sociedade.

Acredita-se que orixás sejam deuses que vieram do céu para criar tudo que existe neste mundo. Logo após a criação, mudaram-se para locais da natureza, como pedras, rios e florestas ou foram para o orum – mundo dos espíritos. De acordo com a tradição e a nação, os panteões – conjunto de deuses – variam, com diferentes graus de parentesco e importância atribuídos aos orixás. Nos candomblés Nagôs tradicionais só há incorporação dos orixás, já na tradição Jêje e Angola, o culto das almas ou ancestrais – eguns – está intimamente ligado ao culto das fontes de energia da natureza – orixás. Segundo Farelli (2005), a Umbanda tem sua fundamentação principal na religião dos bantos que cultuavam as almas e os ancestrais, por isso a umbanda cultua caboclos, pretos velhos, ciganos e outras entidades durante seus cultos, e alimenta a todos eles.

Aos poucos, os escravos foram se organizando e fundando suas casas, mesmo sendo consideradas ilegais à época. A Casa das Minas, fundada por escravos Jêje e Mina, no início do séc. XVIII no Maranhão, é praticante do culto aos voduns, culto este cercado de segredos, de tal forma que seus costumes não se

propagaram muito além deste local. Já no início do século XIX na capital baiana surgiu o Engenho Velho, primeiro terreiro de candomblé nagô. Apesar de ter seus segredos, era um culto mais aberto do que o dos voduns, o que propiciou a propagação da religião e dos seus costumes.

Um dos costumes a se propagar foram as oferendas servidas aos orixás, a comida de santo presente nas mesmas tem como grande influência a herança deixada pelos escravos. Mas, como a umbanda cultua entidades que os africanos não cultuavam, existem outros elementos presentes nas oferendas, de acordo com a entidade que irá recebê-la. Um exemplo, desses outros elementos se encontra nas oferendas para os caboclos, que tem como característica marcante a jurema, bebida forte feita de uma raiz de uso comum aos índios. As comidas de santo, inclusive, transpassaram as fronteiras da religião. O dendê originário do oeste da África tinha papel de destaque nas comidas de santo e hoje, além disso, o seu óleo é um dos principais ingredientes da culinária baiana. A partir da propagação desses costumes, as oferendas feitas aos deuses africanos ganharam cada vez mais notoriedade.

Atualmente, existem por todo território brasileiro candomblés de diversas nações – Nagô, Jêje, Angola, Congo – cultuando voduns, inquices e orixás. Há também os candomblés de caboclo que realizam a incorporação de espíritos de indígenas brasileiros, este tipo de candomblé foi influenciado pela pajelança – culto mágico-religioso indígena. O catimbó, um culto de magia sertaneja conhecido como a primeira prática de feitiçaria genuinamente brasileira, também se incorporou com a religião africana. Os espíritos do catimbó habitam reinos encantados e são caçadores, índios e feiticeiros de grande poder, os espíritos do povo de rua também estão ligados a esta religião, que tem Oxóssi como rei.

Todos estes cultos influenciaram, à sua maneira, a formação da Umbanda no início do século XX, ocorrida no Rio de Janeiro. As heranças de todas essas crenças e tradições foram sincretizadas de forma que a Umbanda apresenta elementos da religião africana, do catolicismo, dos cultos ameríndios, do espiritismo e do ocultismo proveniente da Europa. Dar comida aos santos ou orixás e às entidades espirituais que incluem os caboclos, preto-velhos, exus, pombas-gira, ciganos, baianos, malandros, entre outros é uma prática muito marcante na umbanda e é herdada de algumas destas religiões que tem ligação com a sua formação.

As tradições que existem hoje nos terreiros, em relação às oferendas, são provenientes da crença africana que considera os orixás como espíritos de reis e

rainha milenares, devendo ser tratados como eram em vida. Os primeiros candomblés baianos reproduziam pontos fundamentais dos africanos, um destes era a cozinha ritual ou cozinha de santo. Desde o início, as panelas de barro e pedras de ralar juntamente com as noviças – iniciadas na religião – e iabassês – chefes de cozinha – eram pontos essenciais não só da cozinha, mas de todo terreiro das mais variadas nações. Nestas cozinhas se preparam as obrigações de santo, as comidas e bebidas rituais e as servidas aos participantes dos cultos.

As comidas e bebidas dos santos são ensinadas aos adeptos da religião pelas mães e pais-de-santo. Todo médium umbandista deve obrigação ao seu orixá de cabeça e aos seus guias espirituais. Uma destas obrigações é alimentá-los e manter sempre água limpa ao seu dispor. Há no terreiro um esquema, que deve ser cumprido pelos médiuns, para que não falte nenhum alimento e, principalmente, água nos altares ou lugares que se acredita estarem assentados os santos. A reciprocidade está presente em vários ritos da umbanda, inclusive no importante ato de alimentar os santos, pois isso garante o bom funcionamento da casa, as boas energias e proteção dada por eles, fortalecendo o vínculo do médium com o seu guia. Ao alimentar o santo, fornecendo energias vibracionais presentes na água, alimentos e flores em geral, o médium recebe em troca proteção e novas energias para reequilibrar o seu axé.

Partindo do conceito de Edmund Leach, de que não há distinção entre comunicações verbais e não verbais, podemos inferir que o fator comunicante presente nos componentes das oferendas são tão importantes e efetivos quanto à comunicação através dos cânticos e demais orações da umbanda. A partir do pressuposto de que toda ação social é uma forma de linguagem, independentemente da forma como ela se apresenta, abordo a importância das oferendas como comunicação direta dos fieis com o santo, da umbanda com a sociedade no geral. Precisamos entender que a comida está ligada à memória afetiva, trazendo recordações e nos levando a lugares e pessoas específicas.

As oferendas fazem parte de uma antiga prática de alimentar aos deuses, como forma de apaziguá-los e garantir uma colheita próspera. Assim sendo, os alimentos são uma das formas de ligação entre o “aiê” e o “orum”, através do “axé”, a força mágica existente em cada ser vivo. Essa ligação é fortalecida não só no ato de ofertar em si, mas também nos modos de preparo e disposição dos alimentos rituais. Em meio ao sincretismo de culturas em que foi formada, a alimentação

também sofreu essas influências, tanto a alimentação referente ao corpo, culinária, quanto à alimentação da alma, simbólica.

Nas oferendas notamos que o indivíduo ao ofertar os componentes materiais acompanhados de suas respectivas energias vibracionais e orações, não recebe nada material em troca, pelo menos não de forma direta. As oferendas exemplificam a troca através dos dons e contra dons, implícitos na troca simbólica realizada por meio da dádiva. A dádiva é a base de toda sociabilidade e interação entre o indivíduo e o sagrado. Segundo Mauss em sua obra *Ensaio sobre a dádiva*, o princípio geral da dádiva é criar alianças, independente de qual aliança. As oferendas são um ato comum à rotina religiosa dos umbandistas que como os próprios afirmam (entrevistas em anexo) os ligam com o transcendente, presente nos seus guias e orixás.

Todos os elementos que compõem a religiosidade umbandista precisam ser alimentados, sendo que cada um desses elementos possuem uma variedade de alimentos relacionados a si, de acordo com o contexto. As comidas de santo são tradicionais, necessárias e fazem a beleza das festas religiosas. As oferendas sofrem alterações, de acordo com a intenção de quem as prepara, e em benefício de qual santo estão sendo realizadas, existe uma gama de alimentos associados a cada santo e a cada intenção que se deseja alcançar. Os locais em que são dispostas também variam, podendo ser na água, na mata, em uma encruzilhada, ao pé de uma árvore, sendo essa variação determinada de acordo com o santo ao qual se oferece.

Como uma prática social e cultural que é, a oferenda possui um significado e ações rituais em todas as suas etapas, da escolha dos ingredientes que a comporão ao seu descarte. São usados outros gêneros nas oferendas em conjunto com os alimentos, que vão além da alimentação, como por exemplo, velas, contas, cigarros, charutos, moedas e bijuterias, como forma de agradar ao santo e permanecer nas graças dele. Assim cada prato, cada ingrediente alimentício ou não, seus locais de preparo e oferta possuem um significado simbólico que ajuda a compreender a intenção da oferta e os significados implícitos em cada componente presente na oferenda.

Comer no terreiro vai muito além da alimentação corporal, implica em uma alimentação espiritual que estabelece vínculos entre o adepto, os orixás, os antepassados e a natureza. A relação dos umbandistas com a preparação das

oferendas implica em uma troca, uma relação direta entre poder e crença, entre santos e homens. Assim sendo, a preparação da comida em âmbito sócio-religioso sempre implica em outras relações, são instrumentos de reafirmação de laços e cultivadores de relações simbólicas, tudo isto através da alimentação e todas as práticas envoltas nesse ritual.

Os orixás são alimentados regamente, já que se tratam de espíritos de reis e rainhas milenares que estão no Ilu Aiê – terra ancestral do povo africano. O modo de servi-los é uma tradição ligada ao fato de vários ancestrais terem sido endeusados quando morreram. As entidades, pessoas que foram muito sábias em vida, também tem seus gostos alimentares e por determinados tipos de utensílios respeitados pelos adeptos. Segundo esta crença, existem modos de servir a cada um, toda a alimentação, bebida e artefatos presentes nas oferendas têm relação com a vida passada da entidade ou orixá em questão.

Outro aspecto relacionado a esta crença é a origem das oferendas, acredita-se que, ao escolher o rei africano que também era o chefe religioso, dentre os muitos ritos de posse realizados, havia a oferta de animais e comidas cheirosas a estes reis. O rei não podia comer refeições quentes, para não lhe causar problemas digestivos, assim sendo, são oferecidas comidas frias aos orixás. A presença da água em todos os rituais também vem deste período, ela representa a vida e a purificação, ela é sagrada na umbanda e está presente em vários locais e ritos. Outras bebidas fortes, saborosas e adocicadas também são usadas nos rituais, como forma de lembrança da vida dos orixás como reis sacerdotes.

Os reis eram considerados os únicos representantes dos ancestrais na Terra, por isso eram os detentores das leis morais, assim como das terrenas. Considerava-se que, quando eles morriam, se transformavam em espíritos poderosos que continuavam necessitando de cuidados. Graças a esse caráter, que os colocavam mais próximos das divindades, eles deviam seguir vários preceitos. Antes de se mostrarem aos súditos, tampava-se o rosto mortal com uma franja de contas e a boca com um abano branco, sempre que iam comer, pois não podiam ser vistos comendo. Esses costumes ainda hoje são seguidos durante as cerimônias em que há presença do orixá, ele sempre vem com o rosto oculto e o abano, inclusive as representações deles são feitas com imagens com o rosto coberto, geralmente.

O costume de cantar ou tocar instrumentos durante a oferta nas reuniões também vem desta época. A refeição da realeza era solene, anunciava-se este

momento a todos os súditos, através de um tambor ou sino. Os terreiros possuem uma música para cada santo, estas são vistas também como forma de oração. As músicas servem para chamar a entidade desejada e saudá-la, e em conjunto com as oferendas, pedem licença e a benção para o início da reunião. Entregar a oferenda de Exú é a primeira coisa a se fazer na reunião, logo após a oração inicial, pois ele é o mensageiro e guardião de todos os locais. Sempre é necessário que se peça a sua benção antes de realizar algo, para que ele proteja a atividade e permita que ela transcorra bem até o fim.

As oferendas têm seus componentes escolhidos segundo normas e crenças religiosas, cada orixá e entidade possui um panteão de gêneros alimentícios ou não relacionados à sua personalidade. Um exemplo são as partes das carnes usadas, estas são selecionadas de acordo com o seu simbolismo, as partes mais valorizadas costumam ser as vísceras, existem também várias prescrições quanto aos temperos e bebidas. Os outros objetos associados a esta prática também variam de forma a agradar o santo, essa variação é de acordo com a quem se destina e o que se espera alcançar com a oferenda.

As oferendas são despachadas de acordo com alguns preceitos relativos à intenção de quem a oferta, podendo envolver cânticos e preces, podem ser depositadas nos pés do altar da entidade, próximo a matas, rios ou em pontos determinados da rua. Alguns têm a necessidade de serem descartados em locais específicos, que podem ser jardins, água corrente ou enterrados, após algum tempo, mas outros permanecem no local em que foram depositados até se desfazerem com a ação do tempo ou de terceiros, por isso a importância de se usar elementos naturais nas oferendas, que não agridem a natureza, lar das entidades e oferendas.

Segundo Mircea Eliade (1992) o sagrado é algo que se manifesta e se mostra como sendo uma realidade que não pertence ao nosso mundo, mas que pode estar ligado a objetos e animais que fazem parte do mundo profano. Estes são utilizados porque mostram qualquer coisa além dos elementos comuns de sua materialidade, mostram o sagrado que se manifesta através deles. No livro *Galinha D'Angola: Iniciação e identidade na cultura afro-brasileira*, VOGEL, MELLO e BARROS (2001), retratam o mercado que atende à chamada demanda sacrificial, fornecendo os itens necessários às oferendas, itens comuns ressignificados a partir do momento que são destinados à composição das mesmas. Na sacralização dos objetos e animais,

estes se transformam em símbolos e meios de alimento para os santos, respeitando suas preferências e restrições.

As oferendas são consideradas como uma forma de oração pelos umbandistas, esta crença vem desde os tempos em que o rei era considerado também o representante religioso. Acreditava-se que as preces do rei possuíam mágica, ele conseguia prosperidade e graças através delas. Uma forma recorrente de o rei conversar com os ancestrais, pedir e agradecer era através das oferendas, por isso elas devem seguir vários preceitos para que possam agradar e ser aceitas pelos deuses. Há alguns alimentos que são preferidos por determinados santos, assim como esse mesmo santo não consome outro tipo de alimento. Como por exemplo, Omolu, que aprecia a pipoca e a água, mas não aceita de forma alguma o sal e outros tipos de bebidas. Cada alimento tem seu respectivo axé.

A água é vital a todo ser vivo, por esta razão ela sempre é oferecida aos santos, independente da nação ou crença ela é considerada sagrada. Recomenda-se aos médiuns que nunca deixem faltar água nos altares dos seus guias e sempre servi-la junto às oferendas. As demais recomendações quanto ao preparo das oferendas dependem da tradição, como por exemplo, na tradição Angola, recomenda-se o uso do sal em todas as comidas de santo, enquanto na tradição Queto, só se coloca sal nas comidas destinadas aos assistentes, os santos nunca consomem sal. Os preceitos quanto à preparação das oferendas variam de acordo com o povo, a nação ou a raiz que a pessoa segue, não existindo uma forma errada.

Há algumas divergências quanto às cores, por exemplo, das oferendas prestadas a determinado santo, mas de um modo geral os itens são harmoniosos e similares para os diferentes terreiros de umbanda. É necessário que se preste atenção às indicações dadas pela entidade que aconselhou fazer a oferenda, pois há preceitos a seguir e respeitar quanto aos itens escolhidos. Cada orixá possui uma peculiaridade, Oxóssi não gosta de mel, apesar da maioria dos orixás gostarem; Oxalá não aceita dendê, bebida alcoólica e sal; Ibeji não tem bebidas amargas nas suas oferendas; e assim é com cada orixá. As oferendas devem respeitar os locais indicados para depósito e descarte, estes locais variam de acordo com as características do santo ou orixá.

Há recomendações quanto aos melhores dias e horários, tudo isso de acordo com a orientação passada no terreiro. Um exemplo dessas recomendações é a preferência de Exú e Pomba-Gira por oferendas deixadas tarde da noite ou mesmo

de madrugada, ambos recebem suas oferendas nos cemitérios ou nas esquinas, mas enquanto Exú as recebe em uma encruzilhada em formato de cruz, a Pomba-gira as recebe em uma com formato de “T”. No dia 17 de novembro de 2017 encontrei uma oferenda na esquina das ruas Mantiqueira e Timóteo, no bairro Santa Inês (Belo Horizonte/MG). Além de este cruzamento estar em formato de “T”, havia outros indícios de que essa oferenda era dirigida a Pomba-gira. Estavam presentes a cor vermelha, champagne, a galinha, maçãs, a farofa e cigarros, todos estes itens estimados pela Pomba-gira.



Imagem 4: Oferenda vista no dia 17/11/2017, supostamente dirigida a Pomba-gira.



Imagem 5: Foto aproximada da oferenda do dia 17/11/2017.

Dar de comer ao santo é uma obrigação de seus filhos o que imbui de ainda mais significados esses objetos e alimentos pré-determinados. Um exemplo de “importação sacrificial” da África é a galinha d’Angola, também conhecida como galinhola, guiné, pintada, tô fraco, conquém ou ainda tolutolu, de acordo com a região e/ou crença a denominação muda. Ela aparece em ritos de diferentes religiões africanas e, conseqüentemente, nas religiões afro-brasileiras, mas aparece como preferência de vários santos e por isso tem um papel importante e cheio de simbolismo nas oferendas. Existe uma tendência forte à sacralização, não só dos alimentos e objetos, mas de todos os elementos da natureza que compõem a morada dos orixás e entidades.

A visão é um importante fator de apreensão e conhecimento do que ocorre ao nosso redor, por isso a importância da oferenda, que dialoga de forma explícita com esse sentido. Segundo os médiuns com os quais conversei a oferenda é em alguns aspectos é mais importante para a pessoa que para a entidade, pois estas não necessitam de uma oferenda para se alimentar e extrair vibrações energéticas. Já a pessoa intensifica sua crença a partir do momento que ele materializa seu pedido, associando a entidade e o seu pedido com algo que ele possa ver e tocar.

O sacrifício animal não é visto com bons olhos, pois atrai espíritos que se regozijam com a violência e se alimentam da energia negativa que esse ato desprende. Na Casa Santa me foi explicado que não é recomendado aos

frequentadores da casa abaterem os animais, para que eles não sejam acompanhados por esses espíritos menos evoluídos. Aconselha-se já adquirir os animais abatidos nos mercados, para se evitar as vibrações negativas, que podem inclusive atrapalhar a conseguir a graça desejada com a oferenda. Por ser uma religião que acredita que toda a natureza possui energia vital, assim como é morada de um orixá ou está sob a proteção do mesmo, a umbanda repele toda forma de maus tratos a qualquer ser vivo.

A natureza é uma extensão do espaço da gira – sessão de trabalho espiritual na umbanda – é considerada um espaço sagrado e sob a proteção dos orixás, devendo ser respeitada, assim como os terreiros. Todos os seus componentes – árvores, rochas, mares, cachoeiras, animais, entre outros – são igualmente sagrados, são tidos como moradas dos orixás e ligados às demais entidades. O contato com a natureza é muito importante para a reenergização das pessoas, como um todo, além de serem locais importantes para as oferendas, já que se trata da própria casa do orixá.

A oferenda é tida como uma forma de oração e está presente em algumas outras religiões, como o catolicismo, por exemplo. Há uma parte da missa católica reservada às ofertas, como uvas, pães e vinhos, que são apresentados e depositados no altar. Logo após as ofertas ocorre à comunhão, primeiro eles ofertam o trigo e as uvas em conjunto com orações e músicas, como retorno recebem o corpo e o sangue de cristo consagrados. As oferendas, independente da religião a que estão ligadas, sempre estão envoltas em simbolismo e modos específicos de preparo e apresentação. Pensando nisso farei uma breve contextualização dos componentes materiais que são imbuídos do sagrado durante a ação de ofertar e suas formas de apresentação.

A abordagem da materialidade será de forma sucinta, o necessário para entendermos a sua função na montagem e entendimento das oferendas, e relações sociais e religiosas envoltas em torno desta prática. Os objetos materiais, juntamente com os alimentos e as práticas rituais, que compõem as oferendas desempenham uma importante função na constituição do simbolismo das mesmas, tem significado e importância para a formação delas como um todo.

“O material adiciona uma textura, uma realidade, para as superfícies do passado que são reveladas em impressos, preenchendo o que Raymond Williams (1977:110) chamou “a substância

total das identidades e relações vividas”. O material não é visto aqui apenas como um produto passivo do comportamento econômico, mas como um componente instrumental das ações simbólicas. O fato de que comportamentos simbólicos são efêmeros torna seus traços materiais ainda mais importantes.”

**BEAUDRY, Mary C.; COOK, Lauren J. e MROZOWSKI, Stephen A. *Artefatos e vozes ativas: cultura material como discurso social*. Laboratório de Arqueologia, FAFICH UFMG. p.100.**

Partindo desse preceito de Beaudry et al (2007) inicio a minha abordagem sobre a materialidade envolvida nas oferendas, pois é ela que traz os registros do longo processo entre a escolha da oferenda e o seu despache ou descarte<sup>5</sup>, as marcas presentes nos objetos relacionados a esta prática são uma espécie de arquivo, de lembrança de todas as relações simbólicas e sociais envolvidas ao longo desse ritual. Esse simbolismo é marcado na relação dos agentes com esses objetos e deve ser entendido e estudado, pois ele é passageiro e mutável, podendo muitas vezes passar despercebido ao primeiro exame. Por isso, devemos nos deter com olhos mais atentos sobre os objetos, nos colocar no lugar e no contexto em que o agente estava inserido, tentar imaginar quais as relações sociais e emocionais envolvidas. Para tanto, precisamos primeiro conhecer a história das oferendas e alguns itens básicos do seu ritual.

Os primeiros candomblés fundados na Bahia e as primeiras casas de umbanda reproduziam elementos essenciais para a religiosidade africana. O terreiro onde dançam os santos, a dança de fundamental importância para os rituais; a fonte onde se banham os iniciados para se purificarem; as árvores sagradas onde moram alguns orixás; as casinhas destinadas a outros orixás; e a cozinha de santo destinada à produção dos alimentos que fortalecem o axé. Havia rituais envoltos na preparação das comidas de santo que só os membros da religião conheciam. Esses rituais diferiam a cozinha de santo das cozinhas comuns em inúmeros pontos, um exemplo, é o fato de que havia modos específicos de se mexer a colher de pau na panela de barro. Alguns desses elementos foram herdados pelos terreiros umbandistas durante a sua formação, outros foram se perdendo ao longo do tempo.

---

<sup>5</sup> Diferença entre despache e descarte: despache é quando a oferenda é depositada no local de entrega e lá fica até se desfazer pela ação do tempo, de animais ou de terceiros; descarte é quando após a oferenda cumprir o seu papel, a pessoa que a realizou se desfaz dos elementos materiais que a compunham.

Atualmente, as mudanças nos hábitos de vida, principalmente nos centros urbanos, causaram algumas mudanças em elementos característicos do preparo dos alimentos que compõem as oferendas. As mudanças quanto aos instrumentos usados no preparo das oferendas foram estruturalmente significativas, mas não alteraram o significado, a simbologia das comidas de santo. Um exemplo são os locais de aquecimento que eram movidos à lenha ou carvão vegetal e, em grande maioria, foram substituídos por fogões a gás ou fornos elétricos.

As comidas de santo apresentam uma carga simbólica grande e o seu preparo se molda de acordo com as mudanças sociais. Muitos utensílios tradicionais foram substituídos por aparatos modernos, como forma de facilitar o preparo dos rituais afro-brasileiros. Essas adaptações foram feitas gradualmente, ao longo do tempo, isso não quer dizer que a forma tradicional foi totalmente abandonada. Ambas as formas coexistem, até simultaneamente em alguns casos. Mesmo com essas mudanças, a cozinha do terreiro ainda é dedicada unicamente para a preparação de comidas rituais ou com a devida autorização do guia espiritual da casa, há o preparo de alimentos para outros fins. A cozinha onde se faz as comidas dos santos é considerada um local sagrado e, por isso, deve ser respeitada como qualquer outra parte do terreiro.

Essas mudanças em alguns casos foram inevitáveis, sem elas os terreiros não teriam como manter suas práticas rituais em meio aos grandes centros urbanos, além de perderem adeptos da nova geração. Mesmo com essas inovações, algumas tradições foram mantidas, como o uso preferencial de utensílios de barro, madeira ou outro material biodegradável para oferecimento das oferendas. Esta é uma prática que confere o reconhecimento identitário dos umbandistas com os seus orixás, estes materiais têm ligação direta com a natureza que representa a essência deles. Não existe uma regra quanto aos instrumentos utilizados na preparação, manipulação e armazenamento das oferendas, isto é particular a cada terreiro, só sendo recomendado que prezem sempre pela limpeza do local. Ainda que com todas estas mudanças os terreiros mantenham vivas as suas tradições em seus cânticos, histórias e alguns ritos específicos que fazem menção a essa memória que os confere a identidade étnica enquanto praticantes da umbanda.

Nos terreiros, as oferendas geralmente são depositadas em altares ou no assentamento do santo. Fora desses lugares são deixadas em locais que são associados com o santo em questão. Estes locais são, seja na natureza ou nos

próprios centros urbanos, relacionados com a morada do orixá ou entidade. Existe uma preocupação cada vez mais recorrente com o meio ambiente, local de morada e de certa forma uma extensão das entidades. Junto com essa preocupação ocorre o cuidado e a recomendação crescente para que não se deixe materiais que agriam a natureza nas oferendas, e caso estes sejam necessários há recomendação para após o ritual de oferta, todos os itens serem recolhidos e tenham fim adequado.

Em conversa com a médium Roberta (anexo 1), ela falou que está correndo uma conscientização crescente nas Casas Umbandistas para a importância do uso de materiais biodegradáveis em oferendas realizadas em meio a natureza, locais sagrados da religião. Nas palavras dela: “Sem natureza não haverá umbanda!”, por isso os umbandistas devem ter um senso ambiental aflorado, até mesmo mais que as pessoas que não fazem parte da religião, pois eles não têm uma relação tão estreita entre a natureza e a fé. A Roberta ainda colocou um ponto interessante, que a preocupação com o uso de biodegradáveis vai além da preservação da natureza, mas de certa forma também se associa a imagem da religião perante os outros. Os umbandistas não querem que suas oferendas sejam vistas como lixo que poluem os ambientes comuns e dessa forma atrair animosidade por parte de terceiros.

Inicialmente, pensei em focar nas oferendas depositadas na rua, mas ao longo do trabalho fui notando que elas já não eram tão comuns e fáceis de serem localizadas. Devido à dificuldade de encontrá-las e ao pequeno número que me deparei até então, optei por me concentrar nas oferendas dedicadas a Iemanjá. Por haver um monumento em sua homenagem, em Belo Horizonte, as oferendas dedicadas a ela são mais recorrentes. Descartei também as oferendas realizadas durante as reuniões nos terreiros, pois eles têm preceitos restritos ao público externo, devido a isto, tive dificuldades em ter acesso a todas as informações necessárias para realização deste trabalho.

A partir do momento que decidi por este recorte, comecei a fazer visitas ao monumento dedicado a Iemanjá, assim como direcionei as minhas perguntas aos participantes da Casa Santa ao culto a Iemanjá. Na Umbanda, as oferendas são dedicadas aos orixás e às entidades, cada um deles possui características distintas quanto aos objetos, comidas e modos de ofertar. A partir de agora farei uma breve contextualização da história e das oferendas à Iemanjá, para podermos entender o significado atribuído a cada item na composição das suas oferendas.

## lemanjá

lemanjá é a orixá das águas, alguns atribuem a ela as águas doces e salgadas, outros somente as águas salgadas, enquanto atribuem a Oxum o reino das águas doces. O nome lemanjá veio da expressão lorubá, “Yèyè ommo ejá”, que significa "mãe cujos filhos são peixes". Mas a rainha do mar, como é conhecida, possui muitos nomes, de acordo com a região que a chama pode ser Dandalunda, Dona Janaína, Dona Maria, Marabô, Mucunã, Inaê, Sereia, Princesa do Mar ou Princesa de Aiocá. A Mãe d'Água nasceu na África e atravessou o oceano junto com os navios negreiros, veio para o Brasil trazida pela crença dos escravos, que a invocavam como forma de proteção. lemanjá é considerada rainha do mar e mãe de todos os peixes e seres aquáticos, é cultuada na umbanda como herança do candomblé.

Considerada a mãe de quase todos os orixás, lemanjá é protagonista de vários mitos que envolvem a sua origem, eles variam de acordo com a nação que os contam. Irei fazer uma narrativa livre da história de lemanjá, baseada no conto de Pierre Verger, do livro *Lendas Africanas dos Orixás* (1997). Os Egbá, povo pertencente à nação lorubá, viviam próximos ao Rio lemanjá, mas foram obrigados a se mudar, devido a conflitos com outros povos. Eles se mudaram para perto de outro rio, o Rio Ògùn e levaram para lá o culto a lemanjá, a rainha das águas doces, que se tornou rainha do mar ao chegar ao Brasil.

Filha de Olokun, orixá conhecedor dos segredos da vida e da morte, nasceu nas águas, se casou com Oduduá, considerado por muitos o orixá da criação da Terra. lemanjá e Oduduá tiveram dez filhos orixás, na cidade de Ifé. Um dia, cansada de Ifé, fugiu para o Oeste, onde vivia Okere, rei de Xaki. Ele se apaixonou pela beleza de lemanjá e lhe propôs casamento, ela aceitou mediante a condição dele não zombar dos seus seios grandes, pois após amamentar os filhos seus seios cresceram muito, o que a envergonhava bastante.

Tudo transcorria bem entre lemanjá e Okere até o dia que ele exagerou no vinho de palma. lemanjá o chamou de bêbado ao vê-lo vacilante, devido ao vinho em demasia. Fora de si, ele ridicularizou lemanjá e seus seios. Muito ofendida, ela fugiu novamente. Atordoada com tudo o que se passara, lemanjá deixou quebrar a garrafa, que havia ganhado de Olokun, para usar em caso de necessidade. Dentro

da garrafa havia uma poção mágica que estaria disponível quando a garrafa fosse quebrada. A poção fez nascer um rio.

As águas turbulentas deste rio iam em direção ao oceano e carregaram lemanjá até o oceano, casa de Olokun. Com o intuito de impedir a fuga da esposa, Okere se transformou em uma colina para barrar o caminho do rio. Acuada, lemanjá pediu ajuda ao seu filho mais poderoso, Xangô. Ele solicitou uma oferenda para realizar essa função, composta por um carneiro, quatro galos, um prato de amalá<sup>6</sup> de farinha de inhame e um de gbeguirí<sup>7</sup> de feijão e cebola. Xangô garantiu à mãe que no dia seguinte ela poderia continuar seu caminho rumo ao oceano.

Xangô desfez os nós da chuva, isso fez com que aparecessem muitas nuvens no céu. Ao ver todas as nuvens reunidas, ele lançou seu raio sobre a colina de Okere. A colina se dividiu em duas partes, permitindo a lemanjá continuar seu caminho até o oceano, de onde não quis mais sair, para ir à terra. lemanjá tem filhos espalhados ao redor do mundo, por isso está em todo lugar aonde chega a espuma das ondas do mar. Recebe oferendas de todos esses filhos, negros e brancos, para agradá-la e acalmá-la, pois é lemanjá que decide entre a calmaria do mar e as terríveis tempestades, tudo o que lá acontece é comandado por ela.

lemanjá é uma orixá muito respeitada e cultuada em todo o território brasileiro. É considerada símbolo da maternidade, protetora da família, consanguínea ou não. Diz-se que ela recebe a vida nova, amparando a cabeça dos bebês, na hora do nascimento, e entregando-os aos seus guias. Orixá da compaixão, do perdão e do amor incondicional, provê a harmonia e união dos lares. Considerada uma força da natureza, lemanjá exerce poder sobre todos aqueles que adentram no mar, decidindo o destino deles; por isso é cultuada e muito respeitada por pescadores e marinheiros, é a protetora deles. Ela quem pode proporcionar ou não uma boa pesca, sempre protege a vida aquática e vai contra todos aqueles que vão contra as águas e seus ecossistemas. Também é conhecida por reger os ciclos lunares, pois é ela quem controla as marés e, assim, a lua.

Ao longo dos anos, lemanjá foi sofrendo a influência da grande miscigenação que há no Brasil, agregou influências indígenas e europeias, a sua matriz africana.

---

<sup>6</sup> O amalá é um caruru de quiabos, tradicionalmente ligado as festas dedicadas a Xangô.

<sup>7</sup> O gbeguirí ou berguirí é feito com quiabos, castanha, amendoim, camarão, carne de boi, azeite de dendê, pimenta em abundância e temperos variados. Também é uma comida tradicionalmente ligada a Xangô por ser uma comida que “dá força”, segundo os filhos de santo.

Hoje em dia, ao visitarmos uma casa de artigos religiosos afro-brasileiros, encontramos imagens diversificadas de Iemanjá. Há representações negras, como aquelas dos escravos que a trouxeram da África; brancas, em referências às santas católicas, as quais foram sincretizadas no período em que só a religião católica era permitida; outras vezes encontramos Iemanjá na forma de uma sereia, como a Lara, presente na mitologia indígena brasileira. Não podemos dizer que uma forma está certa e as outras não, pois todas estão relacionadas à origem das crenças, ao sincretismo e a fé que a cultua.

Iemanjá é quase sempre representada com os braços abertos, independente da crença, como forma de simbolizar que a Mãe d'Água sempre acolhe a todos que a procuram, sem julgamentos. Sempre bela, em todas as suas formas, pode ser considerada a imagem da beleza feminina, com seus cabelos longos e negros, traços delicados e corpo curvilíneo, os fartos seios associam-na à maternidade. Iemanjá é considerada muito vaidosa, por isso os seus filhos depositam em seu altar espelhos, joias de prata com pedras azuis, perfumes e adereços com pérolas. Suas oferendas são consideradas potencializadas aos sábados, que é o seu dia da semana.

Iemanjá é sincretizada com diversas santas católicas, dependendo da crença que a associa e do momento da história que essa associação ocorreu, esse é um dos motivos que faz com que ela possua vários dias de comemoração. Vários orixás se relacionam a diferentes santos do panteão católico, como Oxalá, por exemplo, entre suas muitas associações está Jesus Cristo, Deus e Nosso Senhor do Bonfim. As variações foram classificadas de acordo com a região em uma compilação feita por Roger Bastide, em seu livro *As religiões africanas no Brasil* (1971), em anexo no fim deste trabalho. Apesar de Minas Gerais não estar no quadro, as associações realizadas no Rio são bastante congruentes a todo o sudeste, assim sendo, podemos nos guiar por elas.

Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Boa Viagem, Nossa Senhora de Candeias, Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Piedade e a Virgem Maria, são algumas das associações de Iemanjá ao panteão católico. Em Belo Horizonte, Iemanjá é mais comumente associada a Nossa Senhora da Boa Viagem, cuja festa de comemoração ocorre no dia 15 de agosto, e a Nossa Senhora da Conceição, que tem seu dia comemorado

dia 8 de dezembro. Ambas possuem festas em frente ao Monumento em sua homenagem, com o apoio da Prefeitura de Belo Horizonte.

Iemanjá é muito cultuada em todo o Brasil, um dos orixás mais conhecidos e respeitados. O maior festejo de Iemanjá talvez ocorra no dia 2 de fevereiro, ela divide essa data com Nossa Senhora das Candeias, festa grandiosa realizada em Salvador, dedicada à Iemanjá. A festa do dia 2 de fevereiro causa grande comoção na cidade e é, sem dúvida, uma das maiores manifestações da religião afro-brasileira. Apesar de não ser comemorado, oficialmente, o dia de Iemanjá no dia 31 de dezembro, ou de um santo católico com quem ela tenha relação, a grande afluência de oferendas dedicadas a ela nesse dia se deve à crença de iniciar o ano com o axé renovado, carregado de boas vibrações.

No dia 31 de dezembro, na passagem de ano, em todas as cidades litorâneas brasileiras, são entregues milhares de oferendas, com o intuito de pedir um ano abençoado pela orixá. Muitos se vestem de branco, pulam sete ondas e entregam seus barcos perfumados e floridos com pedidos, pentes, velas, sabonetes, frutas e espumantes, algumas vezes sem saber o porquê, devido ao hábito antigo enraizado na sociedade brasileira. Nota-se que ao longo desse processo de disseminação da crença a Iemanjá muito do seu significado religioso foi perdido, deixando muito do que era sagrado de lado, à medida que ia adquirindo pontos profanos. Apesar dos inúmeros aspectos profanos presentes no réveillon, como exposições artísticas, trios elétricos, shows, foguetes e um enorme apelo turístico, a festa do dia 31 ainda tem um quê de sagrado com as oferendas a Iemanjá.

Os pedidos e orações são entregues nas águas em barcos de materiais que flutuam até certo ponto, com o intuito de levar para o fundo as tristezas, preocupações e tudo o que aflige a quem fez a oferenda, trazendo junto com as ondas dias melhores. Há crença de que se o barco não afundar ou caso ele volte para a areia significa que a orixá não aceitou a oferenda e conseqüentemente não abençoará o ano é bastante difundida. É notável a participação de indivíduos que possuem um forte preconceito em relação a umbanda ao longo de todo o ano e realizam as oferendas em homenagem a Iemanjá no dia 31 de dezembro. Assim como, há elevado número de pessoas que devido ao conhecimento diluído ao longo dos tempos não associa as oferendas realizadas na noite de réveillon com o culto a orixá.



Imagem 6: Barcos levando oferendas dedicadas à Iemanjá na Lagoa da Pampulha – BH.

As oferendas de Iemanjá giram em torno das cores da orixá, branco, azul, transparente, e o prata das jóias, que muito agradam à vaidosa Mãe d'Água. Sua comida é composta principalmente por peixes brancos, cozidos ou assados, camarão seco, manjar branco com leite de coco, canjica branca, açaçás<sup>8</sup> e uma grande variedade de frutas cheirosas, principalmente o mamão. A cor branca predomina nos itens oferecidos à Iemanjá, cor essa relacionada com a pureza, a paz, a limpeza, inocência e virgindade. O branco oferece uma total clareza, pois reflete todos os raios luminosos, por isso também é relacionado à espiritualidade. Iemanjá é tida como uma orixá que não rivaliza com nenhum outro orixá praticamente, se sincretiza à Virgem Maria, sendo acolhedora e maternal. Todas essas características podem ser associadas à simbologia da cor branca.

---

<sup>8</sup> Açaçás são típicos da culinária afro-brasileira, podem se referir a uma bebida ou um bolinho, de acordo com a região. Os bolinhos são feitos com farinha de arroz ou milho, cozidos e envolvidos em folhas de bananeira. A bebida é feita de fubá de arroz ou milho, fermentados com açúcar. Ambos relacionados à Iemanjá.

Durante as minhas observações das oferendas à Iemanjá notei uma infinidade de artigos relacionados aos cuidados com a aparência, pentes, sabonetes, perfumes, uma grande quantidade de espelhos, bijuterias e até maquiagens. Esse fato exemplifica o estereótipo da beleza feminina associado à Iemanjá, a figura que é ao mesmo tempo materna e sensual, capaz de seduzir pescadores e acolher filhos aflitos por auxílio. Um item que se repete com frequência também é o leque de Iemanjá, o abebê. O leque de Iemanjá é ao mesmo tempo símbolo de sua vaidade e beleza, pois vem intrincado com espelhos e muitos detalhes, como também é símbolo de sua força e resistência, já que é usado contra os que vão contra ela ou seus filhos, como se fosse uma espada.

Iemanjá recebe inúmeras flores também, sendo as da cor branca predominantes, como copos de leite, rosas brancas, palmas brancas, angélicas e orquídeas, mas em dias de festa todas as cores são bem vindas. As pérolas e águas marinhas compõem a beleza dos barcos de Iemanjá junto com as flores, são oferendas muito aprazíveis aos olhos, despertam a admiração, inclusive de pessoas que não são adeptas, devido à sua beleza. As velas que iluminam o caminho dos barquinhos vêm em azul e branco. Apesar do seu domínio, segundo a umbanda, ser o mar, as pessoas que moram no interior do Brasil não deixam de cultuá-la; são feitas algumas adaptações, como é o caso da Lagoa da Pampulha, o que demonstra o quanto a orixá é querida e venerada.

## Campos de estudo

### Praça de Iemanjá

Às margens da Lagoa da Pampulha há várias praças e homenagens, inclusive uma pequena praça dedicada à Iemanjá, inicialmente nomeada Praça Alberto Dalva Simão, hoje a praça é mais conhecida pelo nome da orixá. Localizada na Avenida Otacílio Negrão de Lima, sem número, a Praça de Iemanjá faz parte do complexo arquitetônico da Pampulha, apesar de não ser citada nas placas de localização destinada aos turistas.

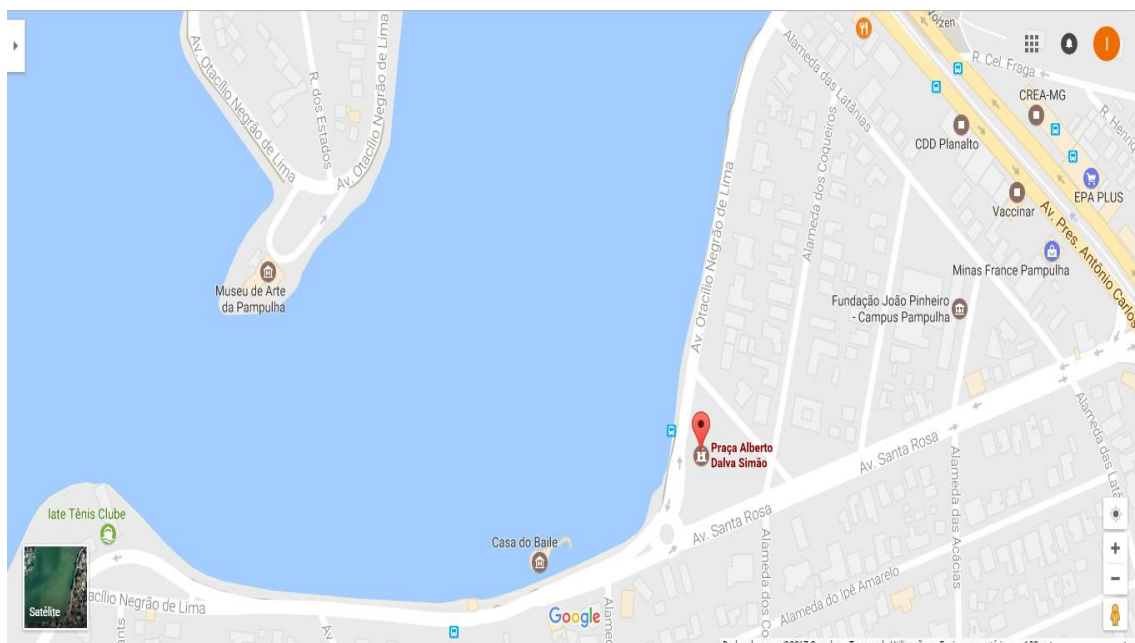


Imagem 7: Localização da Praça de Iemanjá

A praça, dedicada a Iemanjá, foi inaugurada em 24 de abril de 1982, durante uma Festa de São Jorge, mais comumente associado a Exú. Na Placa que há em frente à praça, destinada aos turistas, em três idiomas, está descrita de forma breve a história de Iemanjá e as descrições técnicas das duas obras presentes na praça. A estátua dedicada à Iemanjá mede 2 metros de altura e o marmorite do qual José Synfronini a esculpiu pesava 500 kg, denominada Monumento à Iemanjá. Localiza-se em um pedestal, dentro da Lagoa da Pampulha, e simboliza o domínio que Iemanjá exerce sobre as águas, local de sua morada. A estrutura feita de ferro recortado é de autoria de Jorge dos Anjos. O portal da memória data de 2007 e foi anexado à praça durante esta época.

Ainda segundo a placa mencionada, a Prefeitura justificou o conjunto das obras presentes na Praça, como importantes formas de expressão em momentos e linguagens distintas, da recente história da religiosidade afro-brasileira nos espaços comuns e públicos de Belo Horizonte/MG. Apesar dos umbandistas com quem tive a oportunidade de conversar relataram que o conjunto de obras só foi realizado após muito tempo de luta e resistência das religiões afro-brasileiras, presentes de forma expressiva em Belo Horizonte há muito tempo. Apesar dessas discordâncias, tanto a Prefeitura como os umbandistas, concordam que a praça foi uma grande conquista para as religiões afro-brasileiras da capital mineira.

Como já foi dito, a Praça é palco de várias festas dedicadas à Iemanjá, de acordo com a origem da crença de quem a cultua, mas além das festas anuais dos dias 2 de fevereiro, 15 de agosto e 8 de dezembro, recebe algumas manifestações esporádicas de apoio e resistência não só das religiões, mas da cultura afro-brasileira como um todo. As oferendas também são recorrentes ao longo do ano, são manifestações de fé que não se restringem a datas comemorativas. Pude presenciar algumas dessas demonstrações de fé durante minhas idas à Praça, as vi sendo feitas em vários momentos do dia e da noite. Algumas pessoas entregavam as oferendas de forma orgulhosa, outras de forma bastante receosa, discreta, mal desciam do carro e tomavam o cuidado de olhar para os lados antes de depositarem a oferenda e sua oração de forma apressada, muitos pareciam envergonhados ou fazendo algo de forma escondida.

Esse receio que muitas pessoas têm de manifestar sua fé por um orixá, de depositar suas oferendas sozinhas a luz do dia, tem a mesma origem da curiosidade despertada pelo meu interesse em tirar fotos e analisar o que era depositado na praça. Ambos são advindos de um forte tabu que existe em torno das oferendas e religiões afro-brasileiras; como vimos, havia e ainda há muito preconceito por toda a cultura ligada as religiões afro-brasileiras. Existem inúmeras pessoas que classificam as manifestações de fé ligadas a essas religiões como folclore, ou algo maléfico, por isso o receio de muitos adeptos de serem vistos fazendo suas oferendas, ou a curiosidade dos que estão passando. As festas realizadas na Praça e em demais espaços da cidade, sempre tocam nesse ponto, inclusive a festa que eu irei citar adiante foi bastante enfática em recriminar esse preconceito e exaltar o orgulho em ser “macumbeiro”<sup>9</sup>.

### Festa de Iemanjá

A partir de agora farei algumas observações sobre a festa de Iemanjá, ocorrida no dia 12 de agosto de 2017, na praça dedicada à orixá, situada na orla da Lagoa da Pampulha. As comemorações marcadas para às 18h00min, se iniciaram com uma hora de atraso, tendo várias apresentações culturais de grupos ligados a terreiros de Belo Horizonte e região metropolitana – a programação do 5º encontro

---

<sup>9</sup> Termo muitas vezes usado de forma pejorativa vem sendo empregado com o sentido oposto, demonstrando o orgulho que os adeptos das religiões afro-brasileiras sentem de suas raízes e luta.

com lemanjá encontra-se em anexo. Ocorreram várias apresentações musicais com danças, instrumentos e cânticos ligados à fé afro-brasileira de forma geral. Todos os grupos que se apresentaram falaram da questão do respeito e repúdio ao preconceito que as religiões de matriz africana sofrem.

Como a prefeitura estava apoiando a realização do evento, houve o pronunciamento do vice-prefeito Paulo Lamac, das vereadoras Áurea Carolina e Cida Falabella. Todos falaram da importância do respeito à diversidade e de como Belo Horizonte pretende ser uma cidade que abarca as várias manifestações culturais e de fé. Destacaram que um passo importante para demonstrar o respeito que os dirigentes da cidade possuem pela fé de todos, ocorreria no dia 1º de setembro de 2017. Nesta data se iniciou a primeira restauração do conjunto de obras de arte dedicadas à lemanjá, com previsão de ficar pronta para a outra Festa da Orixá, que ocorreria entre os dias 8 e 10 de dezembro de 2017.

No dia 31 de agosto, tive a oportunidade de ir à Praça pela última vez, antes do início das obras, e já havia dois engenheiros fazendo algumas medições e anotações. A notícia da revitalização do espaço foi muito bem recebida pelas pessoas que estavam na Praça, viram isso como uma resposta à luta diária de resistência, respeito e reconhecimento que eles travam. Ambas as festas e a restauração foram organizadas por uma comissão formada por representantes das religiões de matriz africana e da Prefeitura de Belo Horizonte.

Ao longo da orla havia inúmeras faixas pregando o fim do preconceito e intolerância religiosa, algumas delas diziam: *“NÃO CALARÃO NOSSOS ATABAQUES!”*; *“PELO FIM DA ESCRAVIDÃO... PELO FIM DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA... PELO FIM DA INTOLERÂNCIA RACIAL... **PELA UNIÃO ENTRE OS POVOS!!!**”*, *“NENHUM DIREITO A MENOS”*. Percebemos pelos dizeres que a festa foi pautada no discurso de empoderamento dos adeptos, da ênfase na luta por direitos e respeito iguais para todas as religiões, raças e culturas. Os religiosos pregaram a necessidade do respeito e não somente da tolerância, eles não querem ser somente tolerados, mas sim respeitados e livres para praticar a sua fé, sem sofrerem preconceito.

Durante a celebração foi promovida a campanha, “Solidariedade e Fé”, que visa arrecadar alimentos para as populações carentes. A umbanda é fundamentada no pressuposto da humildade, caridade e amor, por isso incentivou-se a doação de

alimentos em troca de Ojás<sup>10</sup>. A aderência do público à campanha foi grande, mesmo após os Ojás acabarem. Promoveu-se também uma passeata, que ocorreria em Santa Luzia, no outro domingo, dia 20 de agosto, às 8h00min, a caminhada seria para ressaltar o grande preconceito que existe na cidade em relação à cultura afro-brasileira. Endossou-se a importância do público aderir a esta e outras manifestações em prol da liberdade de expressão, a favor da legitimidade de todas as formas de fé e cultura.

Durante as apresentações culturais o público foi escrevendo seus pedidos e os depositando no Barco que a organização confeccionou para Iemanjá. O barco nas cores azul e branca saía com bastante brilho e flores, o público era convidado a depositar flores e pedidos dentro dele ao longo da celebração. Havia outros barcos levados pelos diversos terreiros que lá estavam presentes, mas o maior foi o confeccionado pelos organizadores, ele precisou ser carregado por quatro pessoas para chegar às águas. Antes de entregar os barcos à Iemanjá as mães e pais-de-santo presentes se reuniram e deram início às orações, em que todos os médiuns iniciados foram convidados a participar.

Após as orações, puxou-se a música da defumação, rito importante de purificação da energia de todos e tudo o que está presente, fez-se um mutirão para defumar todos os presentes e todas as oferendas à Iemanjá. Houve também a lavagem das escadas que vão do topo da Praça de Iemanjá até o início das águas da Lagoa. A Cerimônia de lavagem dos poucos degraus ali presentes foi carregada de emoção pelos participantes e envolta em muita simbologia.

A água presente nos banhos rituais e nas lavagens, como a famosa lavagem da escadaria de Nosso Senhor do Bonfim, em Salvador, são resquícios da época em que os feiticeiros, sacerdotes dos reinos africanos, eram encarregados de chamar a chuva, de pedi-la aos ancestrais, para trazer fartura e purificar os reinos. A água é um importante símbolo de purificação e clareza, lavando-se a escada lava-se tudo o que já foi feito que não condiz com a doutrina pregada, todos os males e preocupações são lavados naquele momento. Após a lavagem, o caminho está limpo, pronto para se reiniciar e puro de tal forma que seja digno da orixá.

Vários presentes choraram e intensificaram suas orações no momento da lavagem, realizada com água previamente abençoada pelos santos competentes,

---

<sup>10</sup> Panos usados na cabeça durante as celebrações das religiões de matriz africana.

águas de cheiro e sabão cheiroso. Os cânticos também se intensificaram neste momento, as pessoas queriam chegar o mais perto possível, como forma de se sentirem atuantes no processo. Após a lavagem foram jogadas pétalas de flores coloridas e cheirosas sobre os degraus, onde os barcos passariam, as pétalas foram jogadas em direção à Iemanjá também, deixando aquela parte da Orla repleta de cores e cheiros. Em seguida, encaminharam os barcos, um a um, em direção a Iemanjá, várias pessoas também depositaram suas flores na água como forma de agradecimento ou pedido de dias melhores.



Imagem 8: Barco de oferendas e pedidos à Iemanjá, durante o 5º encontro com a orixá.

Após a entrega dos barcos, houve uma benção final e a oportunidade dos fieis de terminar de depositar suas oferendas e orações. No topo dos degraus há seis pratos de ferro, dedicados ao depósito de oferendas, esses pratos encheram-se de frutas, velas, peixes e canjicas dedicados à Iemanjá. Cada pessoa queria prestar a sua homenagem pessoal à Iemanjá, em alguns casos reforçar pedidos, em outros

agradecer a graça conquistada. Conversei com uma senhora que disse estar ali para cumprir a promessa feita em prol da saúde do neto, havia prometido que em “todos os dias da mãezinha enquanto eu tiver vida, vou vim trazer as comidas preferidas dela”. O neto desta senhora havia se curado de um câncer agressivo recentemente, segundo ela, a criança começou a melhorar após a promessa realizada para à Orixá.

Durkheim, de um modo geral, atribui aos ritos às atividades do coletivo que articulam a relação dos homens com o sagrado e objetos tidos como sagrados, seguindo essa ideia ele classifica ritos negativos e positivos. Dentro dessa classificação há outras classificações como os ritos expiatórios, baseado em um sentimento de angústia, causado pelo luto, por exemplo; os ritos de evitação, marcados pelos tabus, os quais estariam ligados à ascensão do profano ao sagrado, como ocorreu com as homenagens prestadas à Iemanjá no dia 31 de dezembro. A promessa mencionada anteriormente pode ser vista como um rito propiciatório, esse rito busca a graça da divindade e era o que a avó procurava, com o intuito de obter a melhora do neto, ela oferece alimentos a orixá anualmente. A partir do momento em que o rito promove a manutenção da ordem social ele promove também a validação e reafirmação da religião como complemento da sociedade.

Treze terreiros, umbandistas e candomblecistas, fizeram a gira<sup>11</sup> de suas Casas, logo após as celebrações oficiais, elas foram feitas na rua mesmo. Cada terreiro interagiu com as pessoas presentes, de alguma forma, alguns deram bênçãos, outros possibilitaram a conversa com os santos, outros ofereceram comidas. Apresentaram-se vários santos nas diferentes giras que aconteciam simultaneamente, tiveram baianos, pretos velhos, caboclos, marinheiros e ciganos, segundo o que pude notar. Quando deixei o local já passava das 23h30min e ainda havia filas de pessoas para serem atendidas pelos espíritos que vieram nas giras.

Acredita-se que os santos utilizam a energia presente nos alimentos para fortalecer o seu axé, permitindo que se continuem batalhas diárias que travam em proteção e bem-estar dos viventes; o axé dos alimentos fortalece e renova a energia dos santos e viventes. Durante a celebração eu pude perceber que as comidas não foram jogadas na água, como as flores e bebidas, os alimentos foram depositados ao longo da orla. Muitas vezes eram acompanhados de bijuterias, velas e papéis

---

<sup>11</sup> Parte importante da reunião em que os médiuns “incorporam” os espíritos, para que estes venham ter com os viventes.

selados com a cera das velas. Todos esses componentes têm relação com Iemanjá e são tidos como do seu agrado e segundo a crença, fazem com que a pessoa que a presenteou tenha o seu pedido atendido, ele estando no papel ou na oração que acompanha a oferenda.

## Centro Espírita Umbandista Casa Santa

O Centro Espírita Umbandista Casa Santa está situado na Rua Coqueiros, 190, bairro Cachoeirinha, em Belo Horizonte – MG. Funciona semanalmente às terças-feiras, com sessões de tratamento espiritual e palestras que elucidam a doutrina umbandista. Quinzenalmente, aos sábados, são feitas as consultas de assistência com os guias espirituais. Há distribuição de sopas para a comunidade carente às sextas. Periodicamente, os membros realizam festas beneficentes e bazares, com o intuito de arrecadar fundos para a continuidade das atividades, como o sopão, por exemplo. Algumas vezes, durante o ano, realizam festas para os orixás e outras entidades em dias da semana e espaços diferentes dos usuais. O calendário de atividades pré-agendadas para o ano de 2017 da Casa Santa está em anexo.

A mãe de santo fundadora da Casa é a Aliete, o mentor espiritual dela e da Casa é o Caboclo Pena Branca. Aliete se tornou umbandista após passar por uma doença grave e os tratamentos médicos convencionais não surtirem efeito. Ela resolveu procurar auxílio no tratamento espiritual da umbanda e a Lila, como gosta de ser chamada, melhorou com o tratamento recebido. Foi-lhe dito que o seu problema de saúde teria que ser tratado física e espiritualmente, que ela deveria cuidar da sua mediunidade, que já estava um tanto a florada. Após sua recuperação ela se iniciou na umbanda e foi trabalhando e estudando até chegar a ter sua própria Casa. Nota-se a reciprocidade, no ato da criação dessa Casa, a Lila alcançou a saúde por intermédio da religião, e resolveu se dedicar a retribuir essa dádiva.

Malinowski diz que não existe o dom totalmente gratuito, sempre há uma intenção de ganho em trocas realizadas por meio da dádiva. Um dos princípios que diferencia as trocas mercantis das realizadas por meio do dom e contra dom, é que as dádivas na troca simbólica não são equivalentes. Outro princípio é a obrigatoriedade e espontaneidade, envolta nas trocas simbólicas, elas são realizadas de forma voluntária, mas implícito a esse ato está o dever de retribuí-lo.

Mauss explica essa força de retribuição por meio do “hau”, o espírito da coisa dada, o “hau” é uma propriedade pessoal que não deve ficar com a pessoa que recebeu o presente, ele tem que voltar, mostrando assim que o presente não é algo inerte ele carrega o “hau” que continua pertencendo ao indivíduo que presenteou.

A Casa Santa está funcionando legalmente desde 2008, mas possui mais de 20 anos de trabalho. Conheci a Casa no ano de 2009, por intermédio de uma prima que foi convidada a ir lá com amigos do trabalho. Já havia ido a outro terreiro umbandista anteriormente, então havia o interesse em conhecer e participar mais vezes das reuniões. Durante um tempo frequentei as reuniões de sábado, mas com o tempo fui me distanciando. Retornei à Casa por volta do ano de 2015, passei a frequentá-la às terças-feiras, para acompanhar meu pai em tratamento. Algum tempo depois me dirigi à mãe Lila, para pedir ajuda para a realização deste trabalho. Após pedir autorização ao Caboclo Pena Branca ela me autorizou a conversar com quem precisasse, tanto médiuns quanto entidades. Ela pediu que eles me indicassem alguns livros também, para eu conhecer melhor a religião.

Apesar da generosidade em me emprestar livros e elucidar dúvidas, que porventura surgissem, meu acesso aos ritos, dinâmica e instalações da Casa Santa continuou restrito ao que eu sempre tivera como assistente das reuniões, não mudou nada, o que não ajudava para realização do trabalho. Após perceber que eu não teria tempo hábil para mudar essa situação, resolvi usar a casa para conversas com os médiuns para entender as impressões deles de tudo o que eu via sendo entregue ao monumento à Iemanjá, e o que de fato as oferendas significavam para eles. Também aproveitei para entender algumas adaptações necessárias a um terreiro urbano, para manter o contato com a natureza.

Por ser uma religião que cultua a natureza é necessário um convívio com a mesma. Ela é de suma importância para a rotina religiosa umbandista devido ao fato de verem a natureza como parte integrante e essencial à prática da religião. Com o desmatamento e poluição crescentes, principalmente nos centros urbanos, os umbandistas adaptaram os meios de se conectarem com a natureza. Um exemplo, é a Casa Santa que compensa o fato de se localizar em uma grande cidade brasileira, mantendo o cultivo de diversas plantas medicinais e outras necessárias para os seus rituais.

Além disso, anualmente, durante a semana santa, os médiuns e demais trabalhadores da Casa Santa participam de uma espécie de retiro em um sítio, um

local no meio rural, cercado pela natureza, com muita vegetação e uma cachoeira. Este local, chamado de Fazenda, auxilia os integrantes da Casa a reequilibrarem o seu axé, com as forças vitais essenciais que estão presentes na natureza. Já foi aberta aos demais frequentadores do terreiro algumas vezes, mas hoje em dia é vetado a eles, por ser um momento em que há um intenso contato com a espiritualidade e que necessita de toda a dedicação dos médiuns e tarefeiros<sup>12</sup>. São realizados trabalhos de reenergização das pessoas, assim como trabalhos com os seus santos.

Esse retiro anual de intenso contato com as forças da natureza é essencial para a manutenção e revitalização dos trabalhos e energia da Casa Santa e dos trabalhadores da mesma. Os participantes da Casa Santa fortalecem sua relação com os santos e antepassados ao se comunicarem com a natureza. Demais esclarecimentos sobre as atividades exercidas lá não são dados, somente os médiuns e trabalhadores da Casa conhecem e participam dessas atividades.

Outra adaptação necessária a um centro urbano nos dias atuais acontece na cozinha, uma cozinha de santo tradicional seria pouco prática para a rotina atual dos terreiros de umbanda. Assim sendo, utiliza-se fogão à gás e demais utensílios contemporâneos. Todos os alimentos ligados às reuniões e demais atividades da casa são preparados na cozinha, que fica localizada ao lado do terreiro. A casa possui autorização dos seus guias espirituais para produzir comidas para serem vendidas, a um pequeno custo, aos presentes em suas celebrações como meio de arrecadação de fundos para realização dos trabalhos de caridade da casa e de seus rituais.

Além das adaptações necessárias a um terreiro umbandista em um centro urbano me foi explicado o porquê de se realizar oferendas segundo o entendimento deles. Os orixás são forças da natureza que governam junto a Deus, cada um deles gera um campo de conhecimentos do universo. Todos nós que habitamos o planeta Terra temos compostos energéticos formando nosso campo eletromagnético, existe muita energia ao nosso entorno e nós a atraímos, de acordo com nossa vibração eletromagnética. Incorporar é o encontro da energia eletromagnética do médium e do desencarnado, assim, compreendemos que a entidade não entra no corpo do

---

<sup>12</sup> Pessoas que realizam os trabalhos necessários para o funcionamento da casa.

médium, mas modula sua frequência vibratória para que esta atue na frequência do médium.

O axé percorre todos os elementos existentes no nosso planeta, dos minerais aos seres humanos, ele equilibra a todos. Nossos pensamentos e ações geram vibrações que interferem no equilíbrio do nosso axé, uma das formas de reequilibrá-lo é através do passe. O passe nada mais é que orações e trocas de energia, entre as pessoas e entidades envolvidas, em uma tentativa de retirar a carga negativa que atraímos diariamente para o nosso axé. As oferendas são outra forma de reequilibrar nosso campo magnético e energia vibratória, elas ajudam na manutenção do axé coletivo e individual, possibilitando uma vida em comunidade de forma equilibrada. Essa troca de energias que ocorre no passe e nas oferendas pode ser vista como o fim dessas atitudes, como a dádiva que se deseja conquistar ao realizar essas ações.

Toda oferenda é uma troca por meio da dádiva, carregada de simbolismos e intenções implícitas em cada componente. Inclusive podemos notar a obrigatoriedade de retribuir, pois as oferendas não são realizadas somente como pedido ou homenagem aos santos, elas também servem para agradecer, retribuir alguma graça conquistada anteriormente. A troca passa a ser algo que gera, fortalece e mantém as alianças e, por conseguinte a ordem social. Como Mauss demonstrou, a dádiva verdadeira sem nenhum interesse próprio de quem a está praticando não existe, pois as intenções do praticante não são totalmente altruístas existe o interesse por parte do praticante em se conquistar algo maior para si mesmo, seja uma benção ou reenergização, os sistemas de trocas são formados com base em um princípio, o da reciprocidade.

## Preconceito

É notável o preconceito, desconhecimento e violência existente para com as religiões afro-brasileiras, são inúmeros os casos de agressões verbais em redes sociais e pessoalmente. Alguns casos chegam às vias de fato, em que os adeptos das religiões de matriz africana são agredidos fisicamente. São várias reportagens que citam depredações a lojas de artigos religiosos ligados à matriz africana, assim como agressões físicas e morais a adeptos.

Em Setembro de 2015, houve um caso de intolerância religiosa, noticiado pela mídia<sup>1</sup>, no centro de Belo Horizonte, um jovem depredou e ateou fogo à fachada da loja de artigos religiosos, Casa da Umbanda. Esse ato ocorreu durante a noite de sexta-feira e foi denunciado por transeuntes. Mesmo tendo sido preso em flagrante, o agressor ameaçou voltar a cometer atos semelhantes. Na manhã de sábado, o jovem voltou a vandalizar a loja e outras duas do mesmo ramo, a sua justificativa foi de que as lojas vão contra a sua religião, ele disse ser evangélico.

Durante uma das primeiras reuniões de sábado que participei na Casa Santa, há cerca de oito anos atrás, houve um caso de preconceito explícito. Durante os cânticos de abertura dos trabalhos da Casa, escutamos um grande barulho provocado por pedras arremessadas contra a telha de amianto – material um tanto quanto sensível a colisões – da Casa, junto com as pedras vieram xingamentos como “macumbeiros, adoradores do diabo, vão embora!”. Em outras ocasiões, inclusive mais recentes, já vi foguetes sendo soltos em direção à Casa, xingamentos, sons muito altos em horário de reuniões, tudo com o intuito de atrapalhar os trabalhos lá realizados. Segundo os integrantes da Casa Santa, essas demonstrações, infelizmente, não são raras e são fruto da ignorância da luz que a Casa fornece aos arredores.

Ao conversar com frequentadores da Casa Santa perguntei sobre atos de violência sofridos pela Casa, esperei ouvir relatos como estes que presenciei, mas contrariamente eles não mencionaram tais fatos, a grande maioria afirmou que a Casa nunca sofreu nada. Em uma conversa informal, a mãe pequena da Casa disse que na época que os trabalhos foram iniciados, ouve um estranhamento por parte dos vizinhos, mas nada de anormal. Quando estava entrevistando o Guilherme (anexo 1) que afirmou já ter sofrido preconceito, mas fora da Casa, resolvi perguntar sobre os fatos que presenciei. Ele, assim como a mãe pequena, disse não ser nada demais, coisas de criança. Isso demonstra o quanto o preconceito as religiões de matriz africana está enraizado, pois alguns gestos de intolerância, quando não causam grandes danos, são vistos como naturais já que ocorrem com certa frequência.

Além desse grande preconceito da sociedade em geral, existe também um descaso do governo na preservação da liberdade religiosa, uma vez que o Brasil é um país laico, essa deveria ser uma máxima, mas na prática sabemos que isto não ocorre. Um bom exemplo desse descaso do governo e da sociedade, de forma

geral, aconteceu nos tratamentos dispensados às pichações ocorridas na Igreja de São Francisco de Assis, a Igrejinha da Pampulha e ao tratamento as pichações do Monumento à Iemanjá. Ambos estão localizados no complexo arquitetônico da Pampulha, importante ponto turístico de Belo Horizonte, mas tiveram tratamentos bem destoantes.

A Igreja de São Francisco de Assis, símbolo católico, foi pichada pelo menos duas vezes, nos anos de 2016<sup>ii</sup> e 2017<sup>iii</sup>. Após esses atos, caracterizados pelo poder público como vandalismo, a igrejinha foi rapidamente restaurada com a ajuda e cobrança da população. O governo inclusive solicitou que a famosa Igrejinha da Pampulha passasse a receber maior vigilância através da guarda municipal. Foi grande a repercussão na mídia, com diversas reportagens, que demonstravam a revolta da sociedade belo-horizontina, juntamente com certa comoção, para que fosse feita a limpeza das pichações o mais rápido possível.

No Monumento à Iemanjá pude observar várias pichações e até a data de início da restauração, 01 de setembro de 2017, nada foi feito para a retirada de pichos antigos, há assinaturas acompanhadas da data de 10 de fevereiro de 2009. Não consegui encontrar nenhuma reportagem ligada a esses vários pichos que lá estão presentes. Esses exemplos evidenciam as diferenças de tratamento para com cada religião, apesar da liberdade religiosa ser um dos princípios do Estado Laico, na prática, a prioridade de tratamento se dá de acordo com a religião. As religiões de matriz africana ainda hoje são subjugadas, enquanto a religião católica, trazida ao Brasil pelos europeus, continua sendo privilegiada.



Imagem 9: Foto da lateral do Monumento à Iemanjá com várias pichações.

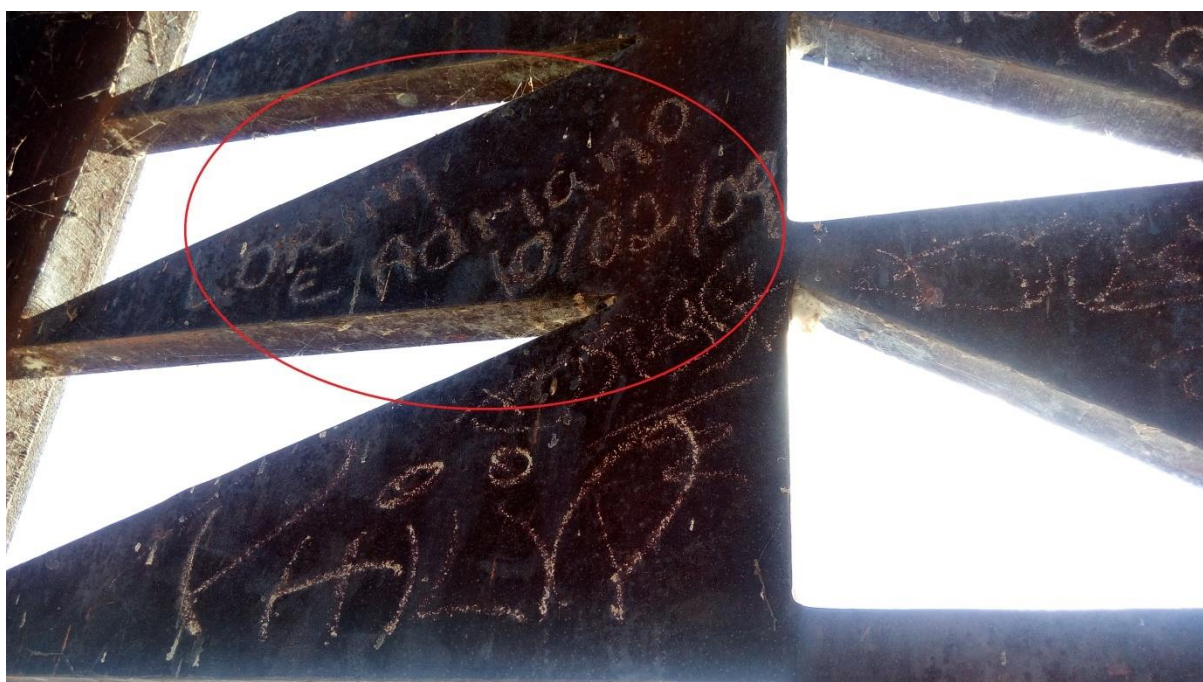


Imagem 10: Detalhe de picho no Monumento à Iemanjá, datado de 10/02/09.

## Considerações Finais

Esse trabalho não se deteve no estudo e entendimento dos fundamentos religiosos, o foco maior foi na importância que a religião recebe pelo homem. A

religião é uma temática recorrente nos estudos antropológicos, assim como nas ciências sociais de um modo geral. Apesar de ser um tema que já foi abordado diversas vezes, ainda há muitas formas de ser retratado, por ser bastante complexo e permear vários âmbitos da vida em sociedade. Ao longo da história, as religiões foram se moldando de acordo com as mudanças sociais, mas continuaram como parte fundamental na composição da identidade humana, sendo uma estável instituição social.

No início dessa pesquisa eu pretendia participar de todas as etapas das sessões do CEU Casa Santa e tirar fotos das reuniões, mas não me foi permitido pelos dirigentes da Casa. Logo, tive que adaptar alguns pontos da pesquisa e decidi complementar as idas às reuniões e conversas informais com os frequentadores, com algumas observações das oferendas depositadas no Monumento à Iemanjá, localizado na Lagoa da Pampulha.

As observações das reuniões e oferendas realizadas na Casa Santa e no Monumento foram um complemento às leituras e conversas com os adeptos. Conversas estas que me guiaram através da pesquisa e me mostraram o que era realmente importante no ato de ofertar para eles, além de me indicarem livros importantes da religião, alguns eu inclusive utilizei ao longo deste estudo.

As religiões de matriz africana podem ser descritas como alegres, envoltas em uma atmosfera de músicas, cantos, danças e festas. Elas possuem pontos de confluência, assim como diferem de acordo com sua origem, com a sua região e influência. Cada divindade possui um caráter múltiplo, o orixá não aparece sob uma única forma, por isso há múltiplas associações de um orixá com diversos santos. Existem cerca de doze diferentes formas de Shangô, por exemplo, todos com a mesma essência, mas dotadas de algumas peculiaridades, que fazem com que sejam associados a diferentes santos católicos. Esse é apenas um dos pontos que pode divergir nas religiões de matriz africana.

A umbanda teve atuações de diversas tradições religiosas na sua formação e, inicialmente, se desenvolveu em diferentes regiões de forma independente, esses fatos fizeram com que ela tenha características distintas, de acordo com a região e a religião que possui maior ligação. Essas particularidades se mostram em algumas crenças e ritos, que possuem certas distinções dentro da umbanda, de acordo com a influência exercida sobre o terreiro que a pratica. Devido a essas diferentes

interpretações de certos pontos dos ritos da umbanda e por se tratar de uma religião relativamente nova, podemos afirmar que ainda está em transformação.

Pode-se interpretar a umbanda como uma reação dos negros à dominação e imposição da cultura europeia. Ela foi uma importante forma de resistência e autoafirmação da população negra e mais humilde da época, que almejava à ascensão social. A valorização das religiões afro-brasileiras influenciou no processo de valorização dos negros, dentro de uma sociedade feita por brancos no poder e para os brancos. Muitos brancos aderiram à nova religião, trazendo alguns conhecimentos filosóficos, ocultistas e provindos do espiritismo, para integrarem a nova religião. Apesar dessa adesão e convivência de brancos e negros no âmbito religioso, a luta racial e o preconceito ainda se perpetuam até os dias atuais.

Acompanhar o início e consolidação da umbanda é tarefa difícil, devido ao seu desenvolvimento independente nas diferentes regiões, o que a faz possuir um caráter heterogêneo. Os inúmeros santos associados ao mesmo orixá são um exemplo dessa amálgama de influências que a constituem. As pessoas de má fé são um ponto negativo dessa diversidade, utilizam do nome da religião para cobrar por seus serviços. Essas pessoas pegam alguns elementos presentes na umbanda sem os fundamentar nos preceitos da religião e os deturpam, a fim de se aproveitarem do nome da religião para seu próprio interesse. A umbanda é fundada sobre o preceito de caridade e amor ao próximo, dessa forma, os médiuns não podem cobrar por seus dons, estes são para ajudar o próximo.

As pessoas que cobram por seus serviços, se dizendo mães e pais-de-santo, geralmente associam as oferendas às suas práticas. Garantem fazer com que terceiros sejam afetados a partir dos seus trabalhos. Esta prática contribuiu para o crescimento do preconceito em torno das oferendas e das religiões de matriz africana. Um caboclo me disse que a Umbanda trabalha para a caridade e só realiza trabalhos, oferendas, para neutralizar ou desfazer trabalhos da linha da esquerda, a chamada “magia negra”. As únicas outras oferendas realizadas são em benefício da própria pessoa, em agradecimento e reconhecimento aos santos, sempre como forma de praticar o bem.

Todos os seres vivos necessitam da alimentação, a alimentação é uma forma universal da vida humana, o que muda é a forma como ela é feita. Os seres humanos, convivendo em sociedade, possuem fatores que determinam qual comida será usada para a alimentação e como ela será preparada. Há uma distinção da

alimentação cotidiana e da alimentação ritual, um mesmo alimento pode ser preparado de diferentes formas na mesma sociedade, dependendo do seu uso final. Há certos alimentos que são carregados de simbologia, o que os fazem ser tabus para a alimentação rotineira, mas em alguns casos podem ser relacionados aos rituais.

A alimentação pode ser uma atividade extremamente complexa, onde é necessário um grande conhecimento do alimento para sua escolha e preparo. Mas sua complexidade não está apenas ligada a estes fatores, há utensílios pré-determinados, usados ao longo desta cadeia operatória, e a necessidade de tornar o alimento desejável, saboroso. Isso deixa claro que a alimentação é universal, mas a forma como ela é realizada é uma imposição cultural ligada a fatores simbólicos e rituais.

A alimentação constrói um indivíduo e uma comunidade em torno dela. No estudo formal os indivíduos procuram a forma mais prática de obter os recursos nutricionais necessários para a sobrevivência. Mas como lembra Ingold (2000), no estudo desta busca de recursos nutricionais devem ser levadas em conta as preferências subjetivas do indivíduo, mais precisamente das sociedades que se arranjam segundo sua base alimentar.

Com os rituais e o simbolismo por traz da alimentação, os elementos escolhidos passam a adquirir uma carga simbólica grande, onde eles só podem ser preparados e usados perante determinados preceitos. Com isso podemos perceber que a relação sociedade e alimento fica cada vez mais entranhada de valor simbólico. Os alimentos representam muito mais que uma simples fonte de nutrientes. A alimentação ritual representa uma postura de vida, uma ligação com um mundo sobrenatural, onde por meio dela o indivíduo se relaciona com o sobrenatural e o transcendente, ganha ou perde força e até mesmo sua identidade religiosa e pessoal na comunidade de referência.

Então, a comida de santo não é usada no contexto das oferendas apenas levando-se em conta seu caráter nutritivo, mas como algo que irá atingir o mundo dos vivos e dos espíritos. A comida como recurso alimentar se diferencia da obtida para rituais, tanto na forma de preparo como na forma de deposição. Alguns elementos são preferenciais para o ritual, outros para a alimentação cotidiana.

A distinção da alimentação cotidiana para a ritual não quer dizer que os indivíduos possuem cuidados na escolha e preparo apenas dos rituais, o que diz é

que são compreendidos de forma diferente. A comida usada como recurso alimentar cotidiano não é isenta de escolhas e formas de preparo específicas. Os indivíduos criam suas preferências, de acordo com a imposição cultural e a relação estabelecida entre as pessoas e o alimento. O alimento diário também possui uma carga simbólica, ele é escolhido por determinados motivos culturais, econômicos e sociais.

Nutrir corpo e alma vai muito além de contar calorias e o tipo de substância ingerida. Nutrir o corpo e a alma faz parte de um projeto de vida, que visa à felicidade, à realização do indivíduo como um todo. Na alimentação no terreiro há valorização das matrizes culturais que formam os hábitos alimentares; a importância do comer junto, da partilha da comida e do fazer a própria comida. São valorizados aspectos que na rotina corrida passam despercebidos.

Ao final desse trabalho sinto que ainda há muito que pesquisar e esclarecer, mas para tanto seriam necessários mais estudos e tempo para fazer um trabalho mais pormenorizado. Ao longo do trabalho meu foco mudou e se ampliou bastante à medida que a pesquisa foi avançando, devido à diversidade do tema, o que possibilita a tomada de diferentes caminhos. Conclui-se que uma das formas possíveis de desmistificação das oferendas seria uma exposição, um diálogo mais próximo a sociedade com os estudos acerca das religiões afros e os verdadeiros significados das práticas ligadas a estes.

## Referências Bibliográficas:

ANJOS, Rafael S. A. & CYPRIANO, André. *Quilombolas. Tradições e cultura de resistência*. Aori Comunicação, São Paulo, 2006.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Livraria Pioneira editora da Universidade de São Paulo. 1971.

BEAUDRY, Mary C.; COOK, Lauren J. e MROZOWSKI, Stephen A. *Artefatos e vozes ativas: cultura material como discurso social*. Laboratório de Arqueologia, FAFICH UFMG. 2007.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "Identidade étnica, identificação e manipulação" e "Um conceito antropológico da identidade". *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira. 1976.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. "Etnicidade: da cultura residual mais irreduzível", "Parecer sobre os critérios de identidade étnica". In: *Antropologia do Brasil: mito, história etnicidade*. São Paulo: Brasiliense. 1987.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CONTRERAS, Jesús e GRACIA, Mabel. *Alimentação, sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes Ed. Ltda., 1992.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FARELLI, Maria Helena. *Comidas de Santo*. Rio de Janeiro. Pallas Editora, 2005.

FARIAS, Isa Vanny da Silva. *O ritual de oferenda na umbanda e o culto a natureza: Processos de significação*. São Cristóvão. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 2001.

INÁCIO, Ângelo [Espírito]. *Tambores de angola: romance mediúnico/pelo espírito Ângelo Inácio*; [psicografado por] Robson Pinheiro. Contagem, MG: Casa dos Espíritos Ed., 2006.

\_\_\_\_\_. *Aruanda: magia negra, elementais, pretos-velhos e caboclos sob a ótica espírita/pelo espírito Ângelo Inácio*; [psicografado por] Robson Pinheiro. Contagem, MG: Casa dos Espíritos Ed., 2011.

INGOLD, Tim. *The Perception of the environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. New York: Routledge, 2000.

LEACH, Edmund. *Cultura e comunicação: a lógica pela qual os símbolos estão ligados*. Rio de Janeiro. Zahar, 1978.

LODY, Raul. *O povo do santo: Religião, história e cultura dos orixás, voduns, inuíces e caboclos*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Introdução à Obra de Marcel Mauss*. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

LEVI-STRAUSS, Claude. *O feiticeiro e sua magia*. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, ciência e religião*. Lisboa: Edições 70. 1988.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Ed. Cosac & Naify, 2003.

MENDONÇA, Evandro. *Orixás e suas oferendas*. São Paulo: Anubis, 2014.

POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. (orgs.). *Teorias da Identidade*. São Paulo: UNESP, 1998.

SARACENI, Rubens. *Rituais umbandistas: oferendas, firmezas e assentamentos*. São Paulo: Madras, 2013.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

VALLADO, Arnaldo. *Iemanjá, a grande mãe africana do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas africanas dos Orixás*. 4ª Edição. Salvador: Corrupio, 1997.

VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antônio da Silva; BARROS, José Flávio Pessoa de. *Galinha D'Angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Pallas. 2001.

Dicionário do Aurélio, disponível em <https://dicionariodoaurelio.com/umbanda> - último acesso em 17/05/17.

Site Prefeitura de Belo Horizonte: <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/atrativos-turisticos/obras-de-arte/monumento-yemanja> - último acesso em 18/06/17.

Associação de Umbanda e Candomblé do Estado de Minas Gerais: <https://umbandaminas.wordpress.com/> - último acesso em 10/11/17.

Federação Espírita Umbandista e Candomblé Minas Gerais: <http://feumcmg.blogspot.com.br/2015/> - último acesso em 10/11/17.

## Referencial Fotográfico

**Imagem 1:** Oferendas no monumento à Iemanjá – acervo pessoal, ano de 2016.

**Imagem 2:** Monumento à Iemanjá – <http://belo Horizonte.mg.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/iemanja-sera-homenageada-na-lagoa-da-pampulha> - último acesso em 18/06/17.

**Imagem 3:** Estátua de Iemanjá esculpida em mármore. – <http://belohorizonte.mg.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/iemanja-sera-homenageada-na-lagoa-da-pampulha> - último acesso em 18/06/17.

**Imagem 4:** Oferenda na rua – acervo pessoal, 2017.

**Imagem 5:** Oferenda na rua – acervo pessoal, 2017.

**Imagem 6:** Barco com oferendas para Iemanjá. – acervo pessoal, agosto de 2017.

**Imagem 7:** Localização da Praça de Iemanjá – Google Maps: <https://www.google.com.br/maps> – último acesso em 18/06/17.

**Imagem 8:** Barco do 5º Encontro com Iemanjá – acervo pessoal, agosto de 2017.

**Imagem 9:** Pichações no Monumento à Iemanjá – acervo pessoal, 31/08/2017.

**Imagem 10:** Pichação no Monumento à Iemanjá – acervo pessoal, 31/08/2017.

**Imagem 11:** Programação da Festa à Iemanjá – 12/08/18 – recebi por e-mail, através do grupo do CEU Casa Santa.

## Anexos

### Anexo 1:

#### Questionário de monografia Izabella Leles

Questionário realizado durante a pesquisa de campo no Centro Espírita Umbandista Casa Santa.

**Participantes:** Roberta, 45 anos, mãe de santo; Guilherme Ricoy, 39, médium burilado; Heloisa Eloi, 32, consulente; Diego Gustavo de Castro Silva, 28, consulente e voluntário da sopa da Casa.

**1 – Você é umbandista? Se sim, há quanto tempo? Se não, qual a sua religião?**

**R.:** Sim. 25 anos.

**G.:** Sou umbandista há 12 anos.

**H.:** Sim, 12 anos.

**D.:** Sim, umbandista há 1 ano.

**2 – Caso tenha respondido sim à pergunta anterior, você é umbandista praticante atualmente? Caso não esteja praticando, por quê?**

**R.:** Sim.

**G.:** Praticante.

**H.:** Praticante.

**D.:** Sim, praticante.

### **3 – Você já realizou alguma oferenda?**

R.: Sim.

G.: Sim. Diversas.

H.: Sim.

D.: Não.

### **4 – Você considera as oferendas como parte fundamental e indispensável para a prática e expressão da sua fé enquanto umbandista?**

R.: Sim.

G.: Sim, fundamental e indispensável devido às necessidades espirituais de cada consulente da casa espiritual ou do médium.

H.: Sim.

D.: Sim. Apesar de nunca as ter feito diretamente, reconheço as oferendas como parte da minha religião, nos dias de gira elas sempre estão presentes em pontos importantes.

#### **5.1 – O que as oferendas significam para você? (umbandistas ou não)**

R.: Representa a energia da vida, uma forma de agradar os Orixás/Entidades e de ser ajudado por eles.

G.: Significam uma ligação com a espiritualidade, uma solicitação ou pedido, ou ainda um agradecimento.

H.: Uma forma de agradecimento, ofertar algo a um Orixá, Deus.

D.: Parte do ritual de manifestação da crença.

#### **5.2 – Por que os participantes, praticantes e frequentadores, fazem as oferendas? Qual a finalidade?**

R.: Como disse antes, uma forma de agradar os guias e de ser ajudado por eles. As oferendas na Umbanda são oferecidas na intenção de liberarem ou canalizarem energias, que por sua vez serão absorvidas e usadas para a realização de trabalhos.

G.: As oferendas possuem a finalidade de ligar o plano físico ao espiritual, em busca de equilíbrio emocional; tratamento e cura de doenças; livrar pessoas de percalços; proteção física e espiritual; intuição para esclarecimento para soluções de problemas pessoais; prosperidade familiar ou profissional; entre outros, dentro sempre, de acordo com o merecimento de cada um.

H.: Os praticantes fazem oferendas como uma forma de se conectarem ao plano espiritual.

**D.:** Porque faz parte dos ritos da religião. As finalidades variam, pode ser em agradecimento ou para pedir algo.

### **5.3 – As oferendas de fato propiciam êxito nas iniciativas ou nas necessidades dos praticantes? Qual a eficácia da prática?**

**R.:** Sim. Quando se realiza uma oferenda você está ofertando elementos naturais do nosso planeta para seres espirituais (Entidades/Orixás), para esses, absorverem essa energia para utilizarem em suas magias e trabalhos. Portanto, as oferendas são essenciais, quando solicitadas, como forma de ser ajudado ou também como forma de agradecimento. A oferenda sempre foi indispensável em todas as religiões para fazer uma conexão com o mundo espiritual, basta prestar atenção: um copo de água, vinho, alimentos... Até as mais complexas oferendas.

**G.:** A eficácia depende de alguns fatores, por exemplo: do executor da magia; do merecimento de quem pede; da fé de quem solicita; da mudança de postura do necessitado, evitando velhos hábitos nocivos, vícios deletérios (nocivos, danosos), mente perturbada, negativismo; que o tratamento seja feito de acordo com o indicado; da ausência de que a ação prejudique algum terceiro; entre outros.

**H.:** A eficácia é resultado da fé e do merecimento de cada um.

**D.:** Nunca realizei, mas acredito que sim.

### **5.4 – Nas oferendas o que você dá e o que você recebe das entidades/orixás?**

**R.:** Elementos da natureza. O que é ofertado, depende de cada situação e o que nos é solicitado: frutas, alimentos, bebidas, velas, flores, adereços, etc. As oferendas podem ser para: trabalho, saúde, união, paz, agradecimento, proteção, bênçãos, etc... Enfim, existem vários tipos de oferendas e para várias finalidades. Depende da intenção e da doutrina de cada Casa.

**G.:** Cada orixá tem a ele vinculado comidas, frutas, flores, ervas, bebidas, velas e cores específicas. Cada um possui ainda um campo de atuação específico, podendo atuar na saúde; outro na justiça; outro na maternidade; outro na prosperidade; outro na execução da lei divina; e assim por diante. O receber fica sempre a cargo da fé e do merecimento de cada um. Pode se dizer que sempre há o atendimento do pedido feito, caso que o executante tenha conhecimento da manipulação das energias ou da magia, mas da qual não se efetiva pela falta de fé ou que a espiritualidade considera imprópria para a evolução do solicitante. Por exemplo, uma oferenda feita a Obaluaê para atingir a cura de alguém, pode ser que a pessoa se cure devido à doença ser originada de um feitiço. Mas, se for de origem cármica, de

comportamentos viciosos, onde não há uma mudança de conduta e de valores, não há uma transformação positiva na vida do doente, haverá pouca eficácia. Ainda assim, nesse sentido pode-se ainda trabalhar para que esse indivíduo resgate os valores morais cristãos, que aceite os conselhos espirituais e a partir daí transformando a própria vida se cure de sua doença.

**H.:** Depende de cada orixá. Por exemplo, flores, bebidas, comidas, velas. Recebo proteção, tranquilidade, saúde, paz.

**D.:** São várias as oferendas, pode ser comida, bebida, pode variar de acordo com o trabalho.

**5.5 – Onde são feitas as oferendas? Qual a relação do lugar onde se deposita com as entidades/orixás às quais essa oferenda é feita? Por que há essas distinções?**

**R.:** Podem ser feitas internamente, dentro da Casa Espírita (festas, trabalhos, camarinhas, etc.) ou externamente (matas, rios, cachoeiras, mar, pedreiras, linhas férreas, encruzilhadas... Enfim... Cada oferenda é depositada em um determinado local). Exemplo: cada Orixá tem seu ponto de força em um determinado local, pois cada Orixá representa uma determinada força da natureza. Portanto, suas oferendas são depositadas onde estão seus pontos de força. O Ponto de Força é o meio natural de sincronizar vibratoriamente com os Orixás/Entidades. Portanto, sempre que possível o culto deve ser realizado nos Pontos de Força, porque nesses locais a energia do ambiente é mais afim com as deles.

**G.:** Elas podem ser feitas dentro dos terreiros ou nos chamados sítios vibracionais. Cada orixás possui seu campo de força em determinados locais da natureza. Por exemplo: Oxum é o orixá das águas doces, seu campo de atuação mais forte é na cachoeira; Omolu ou Obaluaê é o orixá dos recém desencarnados, seu campo de atuação são cemitérios; Iemanjá é dona do mar. Assim, nesses locais podem ser feitos os trabalhos, já que são ponto de maior concentração energética de cada orixá.

**H.:** No próprio terreiro, cemitérios, cachoeiras, no mar, depende do Orixá.

**D.:** Cada orixá ou entidade possui ligação com um elemento da natureza, daí a ligação do lugar a ser realizada a oferenda.

**5.6 – Há presença de comida e bebida nas oferendas, como é o preparo desses alimentos? Há algum ritual específico para o preparo? Há alimentos**

**específicos para cada orixá/entidade? Qual a relação entre o que é oferecido e aquela divindade que recebe o alimento?**

**R.:** Sim. Antes de qualquer coisa é necessário que aquele que vai preparar a Oferenda (chamado/chamada de labá), esteja preparado. Ao menos um dia antes e no dia do preparo não ingerir bebidas alcoólicas, carne vermelha; usar vestes claras, preferencialmente brancas; não ter relação sexual; evitar estresse e brigas; não utilizar drogas; e para quem fuma; fazer o esforço de não fumar pelo menos no dia em que vai preparar a oferenda. Outros rituais durante o preparo variam de acordo com a doutrina/regimento da Casa. Cada Orixá tem os seus respectivos alimentos, as suas flores, as suas cores, as suas bebidas e a sua forma particular de culto, orações e invocações. Os ingredientes que a compõem, a oferenda, a forma como é feita, tudo tem o seu preceito próprio, e assim, uma determinada comida, que contém determinados elementos é apropriada para este ou a aquele Orixá/Entidade especificamente. Deixo claro que o Orixá/Entidade não come “fisicamente”, mas alimenta-se da energia e da vibração da comida que lhe é ofertada.

**G.:** Como dito anteriormente, cada orixá possui seus elementos. E cada oferenda possui seu ritual específico com a preparação que pode ser antes ou durante as reuniões, as giras. Orixá não recebe alimento, a oferta é para concentrar, magnetizar, irradiar uma energia, a do orixá, dentro de um pedido específico, do solicitante, para algum tipo de proveito.

**H.:** Há alimentos específicos para cada entidade. O Orixá não recebe alimentos em si.

**D.:** Sim, há bebidas e comidas. Cada Orixá e entidade possui uma comida específica.

**5.7 – O que é comida de santo? É a mesma que é oferecida as pessoas? Ela pode ser consumida pelos participantes/frequentadores? Em que situações?**

**R.:** Na maioria das religiões existem regras quanto aos hábitos alimentares dos adeptos, sobre o que comer; o que não comer; quando; onde e como comer. São alimentos preparados ritualmente e oferecidos aos orixás, aos quais necessitam de suas vibrações, devem ser preparados com a orientação de uma Mãe ou Pai de Santo. Esses alimentos depois de prontos são colocados em uma mesa com velas de cera e as bebidas designadas a tal Orixá e na hora de ofertar (dentro do terreiro) são entregues com acompanhamento de toque de atabaques e pontos cantados do determinado Orixá. Quanto entregues externamente, seguem também o ritual de

específico de cada orixá (ponto de energia, velas, rezas e canto de cada Orixá). Em algumas Casas, após o término do xirê (dos rituais que compõem a reunião na umbanda), as comidas são oferecidas à assistência/consultências, em outras, são feitas as comidas que serão ofertadas/despachadas e outras comidas que são ofertadas à assistência/consultências. Cada Casa tem seu ritual e sua maneira de fazer e entregar/distribuir sua comida de Santo.

**G.:** Comida de santo é a comida do orixá, que pode ser uma parte para ofertá-lo, outra para aos participantes ou ainda consagra-se a oferenda e se distribui tudo aos frequentadores.

**H.:** Comida de Santo é a comida do Orixá e pode ser consumida pelos frequentadores.

**D.:** Não sei responder.

### **5.8 – O que é ou como você me explica a expressão “alimentar o santo”?**

**R.:** A comida de Santo representa o elo de ligação entre o médium e seus Orixás/Entidades. Portanto, alimentá-los é uma forma de respeito, agradecimento, devoção, fé, amor...

**G.:** Alimentar o santo é um termo usado no candomblé, mas não na umbanda. No meu entender uma expressão equivocada, visto que os orixás são energias e não espíritos. E mesmo se as ofertas forem para os espíritos estes não o consomem, mas absorvem a energia emanada destes, para a manipulação da energia astral para utilização de determinado fim. De qualquer forma a expressão alimentar o santo quer dizer ofertar ao Santo ou Orixá.

**H.:** Ofertar uma comida ao Santo.

**D.:** Não sei responder também.

### **6 – Em relação à presença de animais nas oferendas, muitas pessoas que desconhecem a religião, julgam negativamente a forma como são feitas, alguns até dizem que o abate é feito de forma cruel, esse é um dos pontos que aumenta a mistificação que gera o preconceito em torno das religiões afro. Como você procede quanto ao uso de animais e qual a recomendação do terreiro que você frequenta quanto a isso?**

**R.:** No terreiro que eu frequento não são realizados sacrifícios com animais.

**G.:** Dentro da fé que pratico, não utilizamos o sacro ofício da imolação. Na verdade, esse é um ritual utilizado no candomblé. Há um preconceito realmente, até mesmo pelos umbandistas, quanto essa prática, mas o candomblé adota tradições

centenárias e deve-se o respeito a isso. Não vejo crueldade nos abates, é como abater um boi na roça ou uma galinha em um sítio, e depois do animal preparado e consagrado ele é dividido aos participantes como um almoço. Como poderia somos contrários a esse processo se não somos vegetarianos? Os abates sistemáticos em abatedouros, pra quem conhece, não há nenhuma piedade, é tudo mecanizado, inclusive quem realiza os abates perdem um pouco sua essência de simpatia pelos animais.

**H.:** No terreiro que frequento não sei se ocorre a prática de oferendas de animais. Não é uma prática que eu, como consulente, aceitaria de uma forma tranquila. Não vejo necessidade dessa prática.

**D.:** Particularmente não gostaria de presenciar o derramamento de sangue animal em algum ritual. No terreiro que frequento, nunca presenciei.

**7 – Os orixás são ligados à natureza, por isso ela está ligada a fé dos umbandistas. Quanto ao uso de materiais que não são biodegradáveis nas oferendas, como os barcos de isopor destinados a lemanjá, por exemplo, após a realização das oferendas, como é realizado o descarte desse material? Caso ele fique na natureza, na água no caso, não é considerado uma agressão a natureza e ao orixá?**

**R.:** Este trabalho de conscientização vem sendo realizado entre as Casas com frequência. A Umbanda é uma religião que está profundamente ligada à Natureza. “Sem Natureza não haverá Umbanda!” Por essa razão, mais do que qualquer outra pessoa, o Umbandista deve ter uma forte consciência ambiental. Por isso, quando houver a necessidade de realizar uma oferenda, em qualquer lugar da natureza, é essencial evitar deixar qualquer espécie de lixo. É essencial o uso de materiais biodegradáveis no lugar de plásticos, vidros, metais, etc. Na nossa Casa, o que não é biodegradável é descartado no lixo e usamos sempre em nossas oferendas na Natureza, materiais que não agredem o ambiente. Além de cuidar do meio ambiente, precisamos zelar pela boa imagem da religião.

**G.:** Os umbandistas mais conscientizados quanto à preservação da natureza têm lutado contra as ofertas em campos sagrados naturais de materiais não biodegradáveis. Provocando a conscientização dos mesmos quanto aos materiais que poluem a natureza, trocando por materiais que podem ser degradados e impedindo sujeira e poluição. Infelizmente, ainda é visto, mesmo umbandistas mais antigos e mais novos, utilizando materiais que poluem a natureza.

**H.:** Não sei como é feito o descarte.

**D.:** A preocupação com um meio ambiente conservado é novo, acredito que os terreiros já estão se adequando a ideia de uma maior conservação da natureza.

**8 – Cumprir obrigações rituais concorre para o equilíbrio e a saúde? Como? Qual a relação entre a prática ritualística e o bem estar dos praticantes?**

**R.:** Sim. Lembrando sempre que o que é da terra, é da terra. Os males do corpo, são os males do corpo. A espiritualidade não é responsável pelo nosso livre arbítrio. As escolhas são nossas, as responsabilidades são nossas. A espiritualidade nos aconselha, nos ampara, nos conforta, mas as escolhas são individuais e os frutos são consequência do que plantamos.

**G.:** Cada obrigação, cada feitura, cada deitada, cada oferenda, é uma maneira de se ligar o campo físico ao astral, o material ao espiritual. É necessário, contudo que a fé do necessitado entre em harmonia com a oferenda, de modo que essa energia possa atuar de maneira benéfica ao solicitante. Como por exemplo, a saúde física e a saúde emocional; a prosperidade no trabalho e na vida; a conquista da Paz; e a distribuição de uma convivência mais fraternal entre todos. Contudo é importante dizer que cada obrigação ressalta uma responsabilidade maior do médium com a Casa, com a espiritualidade e consigo mesmo, se propondo a exercer com dignidade a sua mediunidade em prol da caridade e a sua cidadania para com umbandistas ou não umbandistas.

**H.:** Cumprir as obrigações é uma forma de se ligar ao plano espiritual. O praticante tem que ter fé na prática que ele está desenvolvendo e também tem que ter responsabilidade.

**D.:** Não sei responder.

**9 – Você enquanto umbandista já sofreu algum ataque de ódio por causa da sua religião? Já teve que esconder sua fé para evitar preconceitos?**

**R.:** Não.

**G.:** De ódio, de maneira virtual através de redes sociais. De maneira preconceituosa na rua, sendo chamado vulgarmente de “macumbeiro”, ainda assim, desde o início da minha atividade como umbandista nunca escondi que era umbandista e fiz sempre questão de separar que não era espírita, mas sim umbandista, de maneira deixar claro a minha posição e o meu direito.

**H.:** Nunca sofri nenhum ataque de ódio, mas já tive que esconder minha fé para evitar preconceitos.

**D.:** Nunca.

**10 – Sua Casa de Umbanda já sofreu algum ataque de ódio, gerado pelo preconceito?**

**R.:** Não.

**G.:** Algumas implicâncias de vizinhos, como músicas altas e demais barulhos na hora das celebrações. Também há algumas crianças que às vezes tacam pedras e bombinhas na Casa, mas nada muito expressivo pelo que eu tenho conhecimento não.

**H.:** Que eu saiba não.

**D.:** Que eu saiba não.

**11 – Como você definiria a sua relação com sua religião? É uma relação de proximidade e intimidade, de evitação e distância, de respeito ou de temor? Em que as oferendas contribuem nessa relação entre você e sua religião?**

**R.:** Amo minha religião, amo as entidades e a Casa que frequento. Problemas existem em qualquer lugar, independentemente de ser uma casa religiosa ou não. O importante é o que se busca para si e para o próximo, o respeito à Doutrina, à/ao Dirigente e aos irmãos da Casa. Uma vez em harmonia, com as obrigações em dia (incluo as oferendas neste quesito), o crescimento e a sintonia (médium x entidades) são conquistadas dia após dia.

**G.:** A religião me trouxe respostas para muitas dúvidas, me trouxe mais certezas, por esse motivo a aproximação foi sempre maior, a cada ano que se passa. Por ser umbandista e ter ligação com guias espirituais, que se propõem sempre ajudar sem receber nada em troca, espíritos de extrema benevolência que o único intuito é fazer com que nós encarnados progredimos, o respeito se tornou cada vez maior. Mesmo sem nenhum tipo de privilégio sempre recebi bonança em minha vida, como paz, harmonia, tranquilidade, felicidade, prosperidade. E mesmo diante de tantos problemas que ainda me afligem, sempre encontro força nesses seres espirituais de luz que me guiam, me orientam, me acompanham e por vezes me sustentam diante de minhas fraquezas.

**H.:** A umbanda tem me ajudado a encontrar o caminho da paz, do equilíbrio e da evolução. Hoje não consigo caminhar sem a umbanda.

**D.:** Proximidade e intimidade, sem qualquer temor e de muito respeito.

## **12 – Alguma outra observação/consideração que queira fazer?**

**R.:** Oferendas é um assunto muito amplo que vai muito além de perguntas e respostas específicas sobre este tema. Cada Casa funciona de acordo com sua Doutrina, podendo variar de acordo com o seu segmento. Existem vários tipos de oferendas, para várias finalidades, para Entidades, para Orixás, para saudação, para cura, para amor, para saúde.... e, reunir essa explicação sem abordar outros temas é muito difícil. Espero ter esclarecido, pelo menos um pouco sobre o tema que me foi apresentado, apesar de uma resposta estar diretamente relacionada a outros vários temas.

**G.:** Todas as questões foram respondidas mediante a experiência do tempo que tenho como umbandista e de estudioso da religião por interesse, evitando a superstição e lendas que não definem a razão da religião, que particularmente adoto. Ressalto ainda que as respostas são baseadas dentro dos conceitos da religião e das orientações ditados pelo primeiro espírito fundador da Umbanda, chamado Caboclo das Sete Encruzilhadas, aonde não haveria em hipótese nenhuma, nenhum tipo de cobrança, sendo todo o trabalho de caridade, todos de branco e pés descalços, simbolizando a igualdade. Todo preconceito vem de falsos umbandistas ou falsos espíritas que, para se beneficiar de uma religião se propõe a realizar procedimentos contra uma ideologia religiosa, para benefício próprio, como ganhar dinheiro, fama e status. Utilizando magias de baixa negatividade, espíritos sem luz, e com propósito de prejudicar seu semelhante, o que foge completamente do princípio da religiosidade e da espiritualidade umbandista.

Anexo 2: Reprodução de quadro presente no livro *As religiões africanas no Brasil* de Roger Batiste (1971). Compilação de associações de orixás com santos católicos em quatro Regiões do Brasil.

Deus	Bahia	Recife	Alagoas	Porto Alegre
Oxalá	Sta. Ana <sup>1</sup> N. S. do Bomfim <sup>1, 2, 3, 4, 5</sup> O Menino Jesus	O Espírito Santo <sup>15</sup> N. S. do Bonfim <sup>13</sup> Sta. Ana <sup>12</sup> O Pai Eterno <sup>12</sup> A Santa Trindade <sup>14</sup>	O Pai Eterno <sup>3</sup> N. S. do Bomfim <sup>18</sup>	O Espírito Santo <sup>19, 20, 21</sup> O Coração de Jesus <sup>21</sup>
Exu-Legbá	O Diabo <sup>1, 2, 3, 4, 5</sup>	O Diabo <sup>12, 13</sup> S. Bartolomeu <sup>8, 16</sup> O anjo rebelde <sup>15</sup> S. Gabriel <sup>9</sup>	O Diabo <sup>18</sup>	Sto. Antônio <sup>20</sup> S. Pedro <sup>8, 20, 21</sup>
Shangô	Sta. Bárbara <sup>1</sup> S. Jerônimo <sup>2, 3</sup> S. Pedro <sup>5</sup> S. João Menino <sup>5</sup>	S. João Batista (ani-Shangô) <sup>9, 13, 15</sup> Sto. Antônio <sup>12</sup> S. Jerônimo <sup>8, 15</sup>	S. João <sup>3</sup> (Dadá) <sup>18</sup> Sta. Bárbara (Bonin) <sup>18</sup> S. Jerônimo <sup>18</sup> Sto. Antônio (Kilo) <sup>18</sup>	S. Jerônimo (Ogodá) <sup>19</sup> S. Miguel Arcanjo <sup>20</sup> Sta. Bárbara <sup>20</sup> S. João (Dadá) <sup>8</sup> S. Marcos (Osseinha) <sup>21</sup>
Ogum	Sto. Antônio <sup>1</sup> S. Jerônimo	S. Jorge <sup>12, 13, 15</sup> S. Oaulo <sup>12</sup> S. João <sup>8</sup>	S. Roque <sup>3</sup> S. Jorge (Ogum Meji) <sup>18</sup>	S. Jorge <sup>19, 20, 21</sup>
Oxocê-Ode	S. Jorge <sup>1, 2, 3, 4, 7, 9</sup> S. Miguel Arcanjo <sup>5</sup>	S. Jorge <sup>9, 12</sup> S. Miguel <sup>9, 12, 15</sup> Sto. Expedito <sup>9, 13, 15</sup> Sto. Antônio <sup>8</sup>	S. Jorge <sup>18</sup>	S. Miguel e as Almas <sup>20</sup> Sto. Onofre <sup>20</sup> S. Sebastião <sup>19, 21</sup> N. S. do Rosário <sup>21</sup> S. Roque <sup>21</sup> Sta. Ifigênia <sup>21</sup>
Omolu-Obaluê	S. Benedito <sup>2, 3</sup> S. Roque <sup>2, 3, 4, 5, 6</sup> S. Lázaro <sup>3, 4, 5, 6</sup>	S. Sebastião <sup>12, 15</sup>	S. Sebastião <sup>3, 18</sup> S. Benedito <sup>3</sup>	N. S. do Bomfim <sup>20</sup> N. S. da Paixão <sup>21</sup> S. Jerônimo <sup>21</sup> Sto. Antônio <sup>21</sup>
Ifa-Orumila	Sto. Sacramento <sup>3, 4, 7</sup> S. Francisco <sup>3, 4</sup>			S. José <sup>19</sup> Sta. Catarina <sup>21</sup> N. S. do Bomfim <sup>21</sup> Sta. Luísa (Orumila) <sup>21</sup>
Oxumarê	S. Bartolomeu <sup>4</sup>			N. S. da Conceição <sup>20, 21</sup> N. S. do Rosário <sup>21</sup>

Iroco-Locho- Katende – O Tempo	S. Francisco <sup>2</sup> S. Sebastião <sup>4</sup> S. Lourenço <sup>5</sup> S. Caetano (o Tempo) <sup>5</sup> N. S. dos Navegantes (o Tempo) <sup>5</sup> S. João (Katende) <sup>4</sup>			S. Lázaro <sup>21</sup> O Espírito Santo <sup>21</sup>
Nananburucu	Sta. Ana <sup>2,3</sup> N. S. da Candelária <sup>4</sup>	Sta. Ana <sup>8,9</sup> N. S. da Candelária <sup>8</sup> N. S. da Boa Morte <sup>5</sup> Sta. Bárbara <sup>12</sup>		S. Pedro e Sta. Catarina (casas daomeanas) <sup>21</sup> N. S. do Monte Serrat, N. S. do Rosário, N. S. dos Navegantes, Sta. Ana e S. Pedro (casas nagôs) <sup>21</sup>
Iemanjá	A Virgem Maria <sup>1</sup> N. S. do Rosário <sup>1,2,3</sup> N. S. da Piedade <sup>4,7</sup> N. S. da Conceição das Praias <sup>3</sup> N. S. de Lurdes e N. S. da Candelária <sup>8</sup> (casas bantos) N. S. da Candelária (Iemanjá-Sabá)	N. S. das Dores <sup>12</sup> N. S. da Conceição <sup>12,15</sup> N. S. do Rosário <sup>12</sup>	N. S. do Rosário <sup>18</sup>	N. S. dos Navegantes <sup>8</sup> N. S. da Boa Viagem <sup>21</sup>
Iansã-Oia	Sta. Bárbara <sup>2,3,6</sup>	Sta. Bárbara <sup>12,13,15</sup>	Sta. Bárbara <sup>18</sup>	Sta. Bárbara
Oxum	A Virgem Maria <sup>1</sup> N. S. da Candelária <sup>3,4,6</sup> N. S. da Conceição <sup>2,3</sup> Sta. Ana com a Virgem no colo <sup>5</sup> N. S. de Lurdes (casas bantos)	Maria Madalena <sup>8,17</sup> N. S. dos Prazeres <sup>12</sup> N. S. do Carmo <sup>8,9,15</sup> N. S. da Conceição <sup>15</sup>	Maria Madalena <sup>3</sup>	N. S. do Rosário <sup>20,21</sup> N. S. da Conceição <sup>19</sup> N. S. das Dores <sup>21</sup> (casas nagôs)
Oba	Sta. Joana d’Arc <sup>4</sup>	N. S. dos Prazeres <sup>12,14</sup> N. S. do Pépetuo Socorro <sup>15</sup> Joana d’Arc <sup>15</sup> Sta. Marta <sup>9,15</sup>	N. S. dos Prazeres <sup>18</sup>	Sta. Catarina <sup>19,</sup> <sup>20</sup>
Ibeji (os gêmeos)	S. Cosme e S. Damião <sup>3,4</sup> S. Crispim e S. Crispiniano <sup>3,4</sup>	S. Cosme e S. Damião <sup>12</sup>	S. Cosme e S. Damião <sup>3</sup>	S. Cosme e S. Damião <sup>19,20,21</sup>

Osaim				S. Manuel <sup>8</sup> Sto. Onofre <sup>19</sup>
Aniflaquete Verequete		Sto. Antônio		
Sakpata				
Lisa				
Sobo				
Doçu				
Badê				

Deus	R. de Janeiro	Pará	Maranhão	Cuba	Haiti
Oxalá	Deus <sup>10</sup> Sta. Ana <sup>3</sup> N. S. do Bonfim <sup>3</sup> Sta. Bárbara <sup>11</sup>			N. S. da Misericórdia O Sto. Sacramento O Cristo Crucificado	
Exu-Legbá	O Diabo <sup>3, 10</sup> Sto. Antônio <sup>3</sup>		“O Cão”, isto é, o Diabo <sup>22</sup>	As almas do purgatório Alma penada Sto. Antônio O Diabo	Sto. Antônio, o Eremita S. Pedro
Shangô	S. Miguel Arcanjo <sup>3</sup> S. Jerônimo <sup>2, 3</sup>		S. Pedro (casa nagô) <sup>22</sup>	Sta. Bárbara	S. João Menino
Ogum	S. Jorge <sup>10, 3</sup>		S. João (casa nagô) <sup>22</sup>	S. Pedro	S. Jaime S. José
Oxocê-Ode	S. Sebastião <sup>3</sup>			Sto. Alberto Sto. Humberto	
Omolu-Obaluê	O Sto. Sacramento <sup>10</sup> S. Lázaro <sup>3</sup>	S. Sebastião <sup>9</sup>	S. Sebastião (casa nagô) <sup>22</sup>	S. João Batista S. Lázaro	
Ifa-Orumila	S. Francisco				
Oxumarê					S. Patrício
Iroco-Loce Katente – O Tempo					
Nananburucu		Sta. Bárbara <sup>9</sup>	Sta. Rita (casa nagô) <sup>22</sup>		
Iemanjá	N. S. da Conceição <sup>2</sup> N. S. das Dores <sup>3</sup>	N. S. da Conceição <sup>9</sup>	N. S. do Bom Parto <sup>22</sup> (casa nagô)	A Virgem das Regras	A Imaculada Conceição N. S. das Graças
Iansã-Oia		Sta. Bárbara <sup>9</sup>	Sta. Bárbara <sup>22</sup>		
Oxum				A Virgem da Caridade	

Oba				N. S. da Candelária	
Ibeji (os gêmeos)	S. Cosme e S. Damião <sup>10</sup>		S. Cosme e S. Damião (Tosa e Tose) <sup>22</sup>	S. Cosme e S. Damião	S. Cosme e S. Damião (Marassa)
Osaim			S. Francisco de Assis (casa nagô) <sup>22</sup>		
Aniflaquete Verequete	Sto. Antônio <sup>10</sup>	S. Benedito <sup>22</sup>			
Sakpata			S. Lázaro (casa daomeana) <sup>22</sup>		
Lisa			S. Paulo (casa nagô) <sup>22</sup>		
Sobo			Sta. Bárbara <sup>22, 23</sup>		S. Pedro <sup>27</sup>
Doçu			S. Jorge <sup>22</sup>		
Badê			S. Jerônimo <sup>23</sup>		S. Paulo <sup>27</sup>

#### Legenda

- |                         |                              |
|-------------------------|------------------------------|
| 1. Nina Rodrigues       | 15. Waldemar Valente         |
| 2. Manuel Querino       | 16. Pedro Cavalcanti         |
| 3. Arthur Ramos         | 17. Jacques Raymundo         |
| 4. Édison Carneiro      | 18. Abelardo Duarte          |
| 5. Kockmeyer            | 19. Leopoldo Bethiol         |
| 6. Pierre Verger        | 20. Herskovits               |
| 7. Donald Pierson       | 21. Dante de Laytano         |
| 8. Roger Bastide        | 22. Octavio da Costa Eduardo |
| 9. Oneyda Alvarenga     | 23. Nunes Pereira            |
| 10. João do Rio         | 24. Fernando Ortiz           |
| 11. Magalhães Corrêa    | 25. Lydia Cabrera            |
| 12. Gonçalves Fernandes | 26. Herskovits               |
| 13. Vicente Lima        | 27. Milo Marcelin            |
| 14. René Ribeiro        |                              |

QUADRO 1 – Relação de Deuses Africanos e regiões de acordo com estudos feitos até 1971. Fonte: BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Livraria Pioneira editora da Universidade de São Paulo. 1971. Pp.: 364, 365, 366, 367, 368 e 369.

Anexo 3: Programação da Festa dedicada a Iemanjá, encaminhada a mim por um membro da Casa Santa.



*Eu vou jogar  
Vou jogar flores no mar  
Eu vou jogar!  
Uma promessa eu fiz  
Para Deusa do mar  
Eu pedi, recebi  
Prometi, vou pagar  
Eu vou jogar  
Vou jogar flores no mar  
Eu vou jogar!*

**Venha com sua família e  
com seu terreiro homenagear  
Iemanjá em um momento  
de muito Axé e solidariedade**

Para mais informações acesse:  
[facebook.com/casadecaridadepatjacobdooriente/](https://www.facebook.com/casadecaridadepatjacobdooriente/)

**Programação:**

- 18:00 - Apresentações culturais
- 19:00 - Concentração dos Terreiros
- 19:30 - Solenidade de Abertura
  - Consagração do Barco
  - Entrega dos Presentes a Iemanjá (traga suas flores e seus pedidos)
- 20:30 - Os terreiros presentes darão início aos seus trabalhos.

**Data:** 12/08/2017 (SÁBADO)

**Local:**  
Praça de Iemanjá/Alberto Dalva Simão  
Av. Otacílio Negrão de Lima, s/nº

**Participe**

Colabore com a Campanha de fé e solidariedade em favor das comunidades carentes, asilos e creches, doando 1Kg de alimento não perecível (exceto sal e fubá) e ganhe um Ojá (pano de cabeça).

Anexo 4: Programação da Casa Santa em 2017, disponível no mural da Casa e enviada a mim por e-mail, após solicitação.

<b>CASA SANTA - 2017</b>		17/04/2017
R. Coqueiros, 190 - Cachoeirinha		
<b>ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL E SESSÕES FESTIVAS</b>		<b>TABULEIRO OBALUAYE</b>
22/04	19:30 a 22:30	Última segunda-feira do mês: 24/04, 29/05, 26/06, 31/07, 28/08, 25/09, 30/10, 27/11, 18/12
13/05	19:30 a 22:30	<b>BAZARES</b>
27/05	19:30 a 22:30	Nossos bazares serão realizados trimestralmente às 10h da manhã nas seguintes datas: 04/06, 10/09, 03/12
10/06	19:30 a 22:30	<b>GRUPOS DE ORGANIZAÇÃO, LIMPEZA E BAZAR</b>
24/06	19:30 a 22:30	Mãe Roberta: Jan, Fev, Mar // Mãe Valéria: Abr, Mai, Jun Pai Célio: Jul, Ago, Set // Pai Rodrigo: Out, Nov, Dez
A DEFINIR	12:00 a 19:00	
22/07	19:30 a 22:30	<b>FESTAS - CASA SANTA</b>
05/08	19:30 a 22:30	17/06 10:00 Festa Junina
19/08	19:30 a 22:30	12/08 11:00 Bingo
02/09	19:30 a 22:30	09/12 20:00 Festa de Fim de Ano
17/09	8:00 a 19:00	<b>FESTAS - BELO HORIZONTE</b>
30/09	19:30 a 22:30	A DEFINIR 19:00 Festa Pretos Velhos - Praça 13 de maio
14/10	19:30 a 22:30	A DEFINIR 19:00 Festa Iemanjá - Pampulha
28/10	19:30 a 22:30	<b>AVISOS IMPORTANTES</b>
11/11	19:30 a 22:30	- Os trabalhos pedidos pelos guias devem ser comunicados a um CAMBONO para que sejam direcionados de forma adequada. - Eventuais mudanças no calendário serão comunicadas com antecedência, sempre que possível, nos dias de trabalhos.
25/11	19:30 a 22:30	<b>CASA SANTA NA INTERNET</b>
02/12	19:30 a 22:30	- Curta nossa página no Facebook: <a href="http://www.facebook.com/CEUCasaSanta">http://www.facebook.com/CEUCasaSanta</a> - A Casa possui um grupo de discussões e comunicações por e-mail (apenas para os filhos de branco). Maiores informações pelo e-mail <a href="mailto:casa.santa1@gmail.com">casa.santa1@gmail.com</a>
16/12	19:30 a 22:30	
		<b>Doações e necessidades da Casa:</b> oriente-se com Cambono.

**CASA SANTA - 2017**

R. Coqueiros, 190 - Cachoeirinha

17/04/2017

TRATAMENTO ESPIRITUAL E DOCTRINA		TRATAMENTO ESPIRITUAL E DOCTRINA			
25/04	19:30 a 22:30	Caboclo	29/08	19:30 a 22:30	Caboclo
02/05	19:30 a 22:30	Pretos Velhos	05/09	19:30 a 22:30	Pretos Velhos
09/05	19:30 a 22:30	Pretos Velhos	12/09	19:30 a 22:30	Pretos Velhos
16/05	19:30 a 22:30	Pretos Velhos	19/09	19:30 a 22:30	Pretos Velhos
23/05	19:30 a 22:30	Pretos Velhos	26/09	19:30 a 22:30	Caboclo
30/05	19:30 a 22:30	Caboclo	03/10	19:30 a 22:30	Pretos Velhos
06/06	19:30 a 22:30	Pretos Velhos	10/10	19:30 a 22:30	Pretos Velhos
13/06	19:30 a 22:30	Pretos Velhos	17/10	19:30 a 22:30	Pretos Velhos
20/06	19:30 a 22:30	Pretos Velhos	24/10	19:30 a 22:30	Pretos Velhos
27/06	19:30 a 22:30	Caboclo	31/10	19:30 a 22:30	Caboclo
04/07	19:30 a 22:30	Pretos Velhos	07/11	19:30 a 22:30	Pretos Velhos
11/07	19:30 a 22:30	Pretos Velhos	14/11	19:30 a 22:30	Pretos Velhos
18/07	19:30 a 22:30	Pretos Velhos	21/11	19:30 a 22:30	Pretos Velhos
25/07	19:30 a 22:30	Caboclo	28/11	19:30 a 22:30	Caboclo
01/08	19:30 a 22:30	Pretos Velhos	05/12	19:30 a 22:30	Pretos Velhos
08/08	19:30 a 22:30	Pretos Velhos	12/12	19:30 a 22:30	Pretos Velhos
15/08	19:30 a 22:30	Pretos Velhos	19/12	19:30 a 22:30	Caboclo
22/08	19:30 a 22:30	Pretos Velhos	<b>Marcação e doações: Verifique com a Agenda e Enfermeiros(as).</b>		

Anexo 5: Oração à Iemanjá (presente em um banner afixado na Praça de Iemanjá, no dia 13 de agosto de 2017).

Mãe Sereia, Senhora das Águas, Rainha do Mar,  
Lava-nos com suas poderosas águas para que estejamos livres de todas as nossas mazelas, materiais e espirituais,  
E fazei-nos melhores para com nossos irmãos.  
Mãe Senhora das Cabeças, daí nos conhecimento e esclarecimento para que estejamos sempre em equilíbrio.  
Proteja nossas cabeças de todo mal, visível e invisível,  
Seja sempre a estrela guia a nos levar ao caminho da retidão, crescimento e da felicidade.  
Odoiá Iemanjá!  
Assim seja minha mãe!

## Notas Finais

---

<sup>i</sup> Segue os links para as reportagens citadas:

Jornal O Tempo: <http://www.otempo.com.br/cidades/jovem-depreda-casa-de-umbanda-no-centro-de-belo-horizonte-1.1123132>

Jornal Estado de Minas: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/09/26/interna\\_gerais.692263/suspeito-de-quebrar-produtos-e-atear-fogo-em-lojas-de-umbanda.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/09/26/interna_gerais.692263/suspeito-de-quebrar-produtos-e-atear-fogo-em-lojas-de-umbanda.shtml)

<sup>ii</sup> O Estado de Minas realizou a cobertura completa da pichação, desde a sua descoberta, até o seu desfecho, seguem as reportagens:

A descoberta do picho: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/03/21/interna\\_gerais.745698/vandalos-picham-paredes-da-igrejinha-da-pampulha-em-belo-horizonte.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/03/21/interna_gerais.745698/vandalos-picham-paredes-da-igrejinha-da-pampulha-em-belo-horizonte.shtml)

O início da limpeza: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/03/24/interna\\_gerais.746850/equipe-comeca-limpeza-das-pichacoes-na-igrejinha-da-pampulha.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/03/24/interna_gerais.746850/equipe-comeca-limpeza-das-pichacoes-na-igrejinha-da-pampulha.shtml)

Atualização sobre o andamento da limpeza:

[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/03/25/interna\\_gerais.747048/limpeza-de-pichacao-da-igrejinha-da-pampulha-deve-durar-cinco-dias.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/03/25/interna_gerais.747048/limpeza-de-pichacao-da-igrejinha-da-pampulha-deve-durar-cinco-dias.shtml)

Fim da limpeza e início da vigilância 24 horas:

[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/03/31/interna\\_gerais.748710/pichacao-e-retirada-e-igrejinha-da-pampulha-ganha-vigilancia-24-horas.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/03/31/interna_gerais.748710/pichacao-e-retirada-e-igrejinha-da-pampulha-ganha-vigilancia-24-horas.shtml)

<sup>iii</sup> Novamente o Estado de Minas fez a cobertura de tudo o que aconteceu em torno da pichação, seguem as reportagens:

Descoberta do picho: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/03/16/interna\\_gerais.854696/fachada-da-igrejinha-da-pampulha-e-pichada-novamente.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/03/16/interna_gerais.854696/fachada-da-igrejinha-da-pampulha-e-pichada-novamente.shtml)

Informações sobre as falhas na vigilância que permitiram que ocorresse a pichação:

[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/03/17/interna\\_gerais.855004/sucessao-de-falhas-permite-nova-pichacao-na-igrejinha-da-pampulha.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/03/17/interna_gerais.855004/sucessao-de-falhas-permite-nova-pichacao-na-igrejinha-da-pampulha.shtml)

Informações sobre data de início da limpeza:

[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/03/28/interna\\_gerais.857710/limpeza-de-pichacao-da-igrejinha-da-pampulha-e-adiada-por-cao-da-chu.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/03/28/interna_gerais.857710/limpeza-de-pichacao-da-igrejinha-da-pampulha-e-adiada-por-cao-da-chu.shtml)

Início da limpeza: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/03/30/interna\\_gerais.858354/comeca-limpeza-de-pichacao-da-igrejinha-da-pampulha.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/03/30/interna_gerais.858354/comeca-limpeza-de-pichacao-da-igrejinha-da-pampulha.shtml)

Fim da limpeza: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/04/05/interna\\_gerais.859863/fim-das-mar-cas-de-pichacao-na-igrejinha-da-pampulha.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/04/05/interna_gerais.859863/fim-das-mar-cas-de-pichacao-na-igrejinha-da-pampulha.shtml)